

IDADE DAS TREVAS

— O GUIA COMPLETO —



ADAM NELL

IDADE DAS TREVAS

Um Guia Completo para o Período Entre a Queda do Império Romano e a Renascença

ATENÇÃO: No final deste ebook temos uma surpresa especial para você!

Copyright © 2019. Adam Nell. Editora Book Brothers.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/1998.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Exceto em casos de autorização prévia por escrito do autor.

OceanofPDF.com

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1 O Equívoco da Idade das Trevas

Capítulo 2 O mundo depois de Roma

Sinais do fim de Roma

Subestimando o inimigo

Lidar com o Império Desmoronado

Capítulo 3 A Ascensão da Igreja Cristã

Perseguição e aceitação em Roma

Um sinal de Deus

Uma fusão de crenças

Capítulo 4 Roma continua - Império Bizantino

A necessidade de um segundo governante

Os efeitos da queda de Roma

Construindo um novo império

Capítulo 5 A ascensão do califado e a conquista da Espanha

O começo de um novo império

Sucesso inicial e a primeira resistência

Capítulo 6 O Reino Lombard

A Grande Migração

Uma guerra perdida e um novo reino

Os medos de Alboin realizados

Repetindo o histórico

Capítulo 7 Carlos Magno

O mundo em que nasceu um líder

O nascimento e ascensão de um novo imperador

Reformas necessárias para unir o povo

Capítulo 8 O Tratado de Verdun e a Dinastia Rurik - Inícios das Nações Modernas

O início da dissolução

Guerra aberta e uma tentativa de resolver sua herança

A dinastia Rurik

Capítulo 9 Alfredo, o Grande

Seu início de vida e ascensão ao poder

Reinício das hostilidades

Além das guerras

Capítulo 10 Otto I e a fundação de uma federação frouxa

Da quase obscuridade ao controle completo

Voltando sua atenção para o futuro

Um legado inesperado

Capítulo 11 O Reino de Veneza

Veneti

Buscando independência e estabelecendo um novo governo

Capítulo 12 Os Vikings

O início de um tempo mítico - a era viking

Suas origens e história conhecida

Mudando a história do continente

Um passeio pelo oceano

Capítulo 13 A Segunda Metade da Idade Média

O Grande Cisma - Cristianismo Dividido Oficialmente

Cruzada por Cristo - quase 200 anos de luta

As guerras que marcaram a Europa

Os perigos da natureza

Capítulo 14 O Renascimento

Habilitando o Renascimento

Tentativa de se definir

Além da Itália

Fluindo para o presente

Conclusão

Bibliografia

OceanofPDF.com

Introdução

A Idade das Trevas foi um período interessante de cerca de seis séculos que é amplamente perdido na história documentada. Após a queda de Roma em 476 dC, toda a dinâmica da Europa passou por uma mudança completa de poder e cultura. Sob o Império Romano, a Europa não era tão coesa quanto as pessoas pensam, porque muitos de seus povos foram autorizados a manter suas próprias culturas e crenças. O importante para os romanos era que os países conquistados da Europa se submetessem ao domínio romano. Enquanto o povo que os romanos estavam assumindo concordasse em ser governado por Roma, seu modo de vida era apenas marginalmente afetado.

Porém, quando a cidade de Roma caiu, as pessoas que prosperaram na cidade fugiram para Constantinopla, capital do Império Romano do Leste. Embora sua localização tenha mudado, seu modo de vida permaneceu praticamente o mesmo, e Constantinopla se tornou o centro da cultura europeia pelos próximos mil anos.

O resto da Europa mergulhou em algo que não era um caos, mas certamente não tinha a organização que grande parte do continente desfrutara sob o Império Romano. O Império Bizantino, também conhecido como Império Romano do Leste, tentaria recuperar áreas da Europa como parte do novo Império Romano, mas falharia em grande parte. Sem Roma como centro central, havia um vácuo que muitas pessoas começaram a tentar preencher. Houve algumas tentativas quase bem-sucedidas durante a Idade das Trevas de unir a Europa como uma entidade única, mas ninguém alcançaria o mesmo nível de sucesso que Roma. A tentativa mais famosa de reunir o continente foi sob Carlos Magno, mas ele finalmente fracassou porque não havia ninguém forte o suficiente para controlar as regiões que conquistou. Em vez de unir todas as regiões, acabou ficando ainda mais quebrado pouco depois da morte de Carlos Magno.

Embora ninguém fosse capaz de controlar o continente sob uma única bandeira nacional ou como parte de um império, havia um elemento unificador que se espalhou por todo o continente durante o Império Romano - religião. Roma havia caído, mas voltaria a ser o centro de uma estrutura de

crenças que controlaria quase todas as partes do continente. Talvez o povo não pudesse aceitar um único rei ou nação por causa de suas diferenças, mas estava mais do que disposto a aceitar uma única figura religiosa. A reverência que as pessoas mantinham por Roma continuou muito depois da queda da cidade, tornando-a um lugar lógico para a sede da Igreja Cristã. Com o tempo, as figuras de proa perderiam de vista o que era importante e a corrupção viria a sujar a reputação da Igreja. Na época de Chaucer, no século 14, essa corrupção seria um dos piores segredos mantidos. Antes desse período, porém, havia muita boa vontade e uma tentativa sincera de fornecer instrução religiosa. No final do século 10, no entanto, esse desejo de fornecer salvação à população já havia começado a ser distorcido quando as figuras começaram a buscar poder e controle sobre os diferentes países e a vida secular das pessoas, em vez dos valores ensinado nos primeiros dias da Igreja.

Em 1000 dC, várias cidades e nações começaram a formar e controlar suas respectivas regiões do continente. Muitas das nações de hoje tiveram suas raízes neste período no tempo. Naturalmente, eles mudariam e mudariam muito nos próximos 1.000 anos para se tornarem o que são hoje, mas a Idade das Trevas viu a ascensão da maioria das principais nações europeias que eventualmente deixaria sua marca no mundo nos últimos séculos, levando até os dias atuais. Durante esse período, Veneza também alcançou uma posição de destaque. Sua localização como cidade portuária significava que era um centro para os comerciantes não apenas da Europa, mas também do Oriente Próximo e Extremo Oriente. O poder de Veneza rivalizava com o de Roma em seu auge, e continuaria a haver tensões entre as duas cidades por várias centenas de anos.

Talvez uma das culturas mais fascinantes a surgir e desaparecer durante esse tempo foram os vikings. Hoje eles são pensados em termos de desenhos animados, filmes, shows corajosos e mitologia nórdica. No entanto, a realidade dos vikings era muito mais variada e intelectual do que a maioria das pessoas imagina, e seus efeitos na Europa são tecidos em quase todas as nações modernas, particularmente as nações do Reino Unido. Embora a invasão e a pilhagem fizessem parte de sua cultura, não era pior ou mais bárbara do que o que os romanos fizeram. Eles tinham uma curiosidade que não ecoaria por outros europeus por várias centenas de

anos. Essa curiosidade os trouxe por todo o Oceano Atlântico e os viu conhecendo os povos nativos de lá. O fato de os vikings terem chegado, aprendido e saído mostra que eles não eram tão bárbaros como costumam ser retratados. Eles não saquearam e saquearam os dois novos continentes, como os europeus "civilizados" fariam no final da Idade Média e no início da era moderna. Lutar era uma necessidade para eles, mas eles não estavam tentando dominar e destruir completamente outras terras e culturas para o lucro de seu povo, pois sua curiosidade era muito mais intensa que sua ganância. Sua reputação feroz provavelmente vem do sucesso e da impiedade que poderiam ter em relação aos inimigos ou às pessoas que conquistaram. Considerando que eles eram um povo que não mantinha registros escritos, o fato de quase todo mundo saber o básico sobre eles mostra o quanto seu tempo influenciou o futuro da Europa.

Pensa-se que a Idade Média tenha durado cerca de 1.000 anos, mas a Idade das Trevas é considerada como tendo terminado por volta de 1000 dC. Na época do Renascimento, as pessoas já haviam se tornado mais esclarecidas, ou pelo menos a história estava melhor registrada. A Europa começou a tomar forma no que acabaria se tornando, e as pessoas estavam mais interessadas em registrar como isso aconteceu. Durante a Idade das Trevas, a Europa ainda estava tentando descobrir o que era e como sobreviveria ao caos após a queda de Roma, em vez de se concentrar na história da gravação. As histórias registradas em Constantinopla eram amplamente específicas para o tempo antes da queda de Roma e a ascensão do Império Bizantino. A maior parte da história da Europa Ocidental foi perdida no tempo como resultado.

Capítulo 1

O Equívoco da Idade das Trevas

O significado do termo Idade das Trevas pode ser contestado em vários níveis diferentes. Quando se trata de tentar definir o tempo que cabe a esse apelido, não há muito consenso.

Para os propósitos deste livro, a Idade das Trevas cobrirá entre o século IV, quando Roma caiu, no início do século 11, quando algumas das principais nações da Europa moderna começaram a tomar forma. Outros rotulam o período da Idade das Trevas como sendo do outono de Roma até o século XIV. Algumas pessoas até consideram a Idade das Trevas como sinônimo da Idade Média, que se estendeu até o Renascimento Italiano.

Os historiadores começaram a chamar a Idade das Trevas do início da Idade Média, o que é realmente uma descrição mais precisa. Há muitas coisas que os historiadores debatem sobre esse período, e uma das poucas coisas em que a maioria deles pode concordar é que o termo Idade das Trevas é realmente um nome impróprio. Quando as pessoas discutem esse momento da história, geralmente se concentram nos aspectos negativos, em parte porque é nisso que o termo incentiva as pessoas a pensar. A maioria dos historiadores nem sequer usa o termo Idade das Trevas porque implica várias conotações negativas diferentes, muitas das quais são imprecisas na melhor das hipóteses e um desserviço na pior.

Ironicamente, o termo Idade das Trevas vem de Francesco Petrarca, um homem mais conhecido hoje como Petrarca. Ele foi um estudioso e poeta de destaque durante o século 14 (ele nasceu em 1304 e morreu em 1374). Para esse estudioso italiano em particular, a literatura e as idéias da época estavam seriamente degradadas em comparação com a literatura do Império Romano. Ele achava que não havia grandes realizações literárias que pudessem definir a cultura da Idade das Trevas da mesma maneira que os romanos haviam feito com as obras dos gregos, como a *Ilíada* e a *Odisseia*. Para ele, a Idade das Trevas significava uma falta do tipo de cultura que poderia ser encontrada na Europa Ocidental antes que o Império Romano perdesse o controle do continente.

Para as pessoas que seguem o cristianismo, o termo Idade das Trevas é aplicado por causa da turbulência religiosa que prevaleceu após a queda do império. Dois processos de pensamento muito diferentes sobre o cristianismo começaram a se formar e, até 1000 dC, havia uma paz experimental entre essas duas ideias. No início do século 11, havia muita tensão, mas ainda havia apenas uma igreja cristã. Isso não durou muito mais tempo, mas ainda era válido para esse período. Havia também uma razão para as duas ideologias cristãs unirem os cristãos - a invasão de muçulmanos na Europa Ocidental. Com um inimigo comum, era mais fácil deixar de lado diferentes ideologias e se unir sob uma única religião. Como esse era um momento em que as diferenças das duas ideologias eram negligenciadas, e as pessoas se reconheciam sob o guarda-chuva da mesma religião, em vez de focar em suas diferenças, escuro não é realmente o termo correto para descrever o período. Pelo contrário, parece um tempo mais esclarecido e tolerante, particularmente comparado ao que estava por vir. A Igreja Cristã fraturou várias vezes após 1000 dC, e cada vez a tensão inspirava reações mais extremas. O Grande Cisma resultaria na formação oficial de duas igrejas diferentes, a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Grega. Embora fosse uma enorme cicatriz na religião que deveria ser fundada em misericórdia e entendimento, pelo menos não resultou em muito derramamento de sangue (pelo menos não até as Cruzadas, que dariam terrivelmente errado e veriam o saque de Constantinopla por Roman Católicos). Durante o início da era moderna, porém, a ascensão do protestantismo veria derramamento de sangue em toda a Europa Ocidental, com os cristãos brigando entre si por diferenças ainda menores do que as que causaram o Grande Cisma. Na verdade, a história mais recente do cristianismo era na verdade a idade das trevas, pois o tempo até 1000 dC foi muito mais esclarecido em comparação.

Alguns também consideram esse período sombrio, porque há uma crença de que as pessoas eram mais bárbaras. Eles acreditam que as pessoas que perambulavam pela Europa eram cruéis, se cortando para ganhar poder. Embora isso certamente seja verdade até certo ponto, é difícil argumentar que foi pior do que tudo o que aconteceu desde então. As guerras durante esse período não foram mais horríveis que as Guerras Napoleônicas, e elas

praticamente tiveram as mesmas motivações. Certamente, poderia-se argumentar que as batalhas e guerras da época eram na verdade menos bárbaras do que os eventos da Segunda Guerra Mundial.

Porém, existe uma percepção verdadeira desse tempo, e essa é a falta de avanços tecnológicos. As invenções e idéias que se espalharam sob o Império Romano foram amplamente perdidas. As pessoas acharam difícil a sobrevivência diária, e as estruturas sociais emergentes certamente não promoveram a manutenção dessa tecnologia, e muito menos a impulsionaram. No entanto, grande parte da tecnologia hoje inspiradora (como os sistemas de irrigação romana) realmente não existia na maior parte da Europa Ocidental, mesmo nas partes que estavam sob o Império Romano. O dia-a-dia não mudou muito para a maioria das pessoas. Nas cidades e nos arredores, as pessoas sofreram, mas a maior parte da Europa não viu muita mudança. O que se perdeu foi o impulso de inventar. Como a tecnologia e as idéias diminuíram nas cidades e nos arredores, houve menos idéias inovadoras. No entanto, isso não significa que o progresso foi totalmente interrompido. Os avanços na agricultura viram uma mudança significativa durante a Idade Média. Ao eliminar o medo constante de que a comida acabasse, as pessoas começaram a ter mais tempo para considerar outras mudanças e invenções.

Para os historiadores, chamar esse período de Idade das Trevas é um pouco preciso, pois não se sabe muito sobre a vida cotidiana e os eventos da época. Na verdade, isso está sendo remediado, à medida que arqueólogos e cientistas estudam as descobertas e os itens de teste encontrados neste período na história da humanidade. Como houve muitos dados perdidos no tempo, é improvável que o período seja totalmente compreendido. No entanto, está sendo criada uma imagem mais clara de como as pessoas viveram e morreram durante a Idade das Trevas.

Felizmente, grande parte da história deste tempo não está em debate. É verdade que não há tanto conhecimento sobre a vida e a cultura das pessoas na Europa Ocidental após a queda de Roma até 1000 dC, mas muitos dos principais eventos, como as conquistas de Carlos Magno, foram registrados e são conhecidos hoje .

Dado o fato de que o próprio termo deriva do desejo de denotar a insatisfação de Petrarch com a maneira como as coisas estavam indo, é um termo que deve ser esquecido em vez de perpetuado. Foi essencialmente parte de uma campanha difamatória contra épocas anteriores para provar que os homens da época de Petrarca estavam se tornando mais esclarecidos ao retornar às idéias e literatura do Império Romano e da Grécia antiga. Isso é um tanto engraçado, pois eles eram um tanto seletivos quanto ao que retornavam, pois não começaram a adorar subitamente os deuses e heróis dos antigos gregos e romanos.

Durante a Reforma Protestante, a Idade das Trevas se refere ao tempo desde a queda de Roma até os dias atuais (476 dC até o século XVI). Para os protestantes, a Europa sob a Igreja Católica Romana era tão atrasada quanto qualquer coisa que acontecesse antes de 1000 dC. Foram os protestantes que tornaram o continente mais esclarecido ao descartar o controle da Igreja Católica em favor de um pensamento mais independente.

O termo Idade das Trevas é realmente impreciso em quase todas as suas aplicações. Como ainda está em uso, está sendo adaptado para este livro, mas com o conhecimento de que é uma má descrição do período. Em algumas centenas de anos, as pessoas podem olhar para trás nos dias atuais e sentir que a Idade das Trevas é apenas uma descrição do nosso tempo. Pensar na época como o início da Idade Média é mais preciso e fornece uma compreensão muito melhor do período do período.

Capítulo 2

O mundo depois de Roma

A queda de Roma foi como a queda de muitos outros impérios e civilizações anteriores (e muitos que se seguiram). Nunca foi uma questão de se a cidade cairia, mas sim quando. As civilizações sempre passam por períodos de crescimento e depois um lento declínio. Isso não acontece de uma só vez, e até o fim do poder de Roma não aconteceu da noite para o dia. O saque de Roma não foi o fim do Império Romano do Ocidente, porque ainda havia um imperador por mais algum tempo. Quando a cidade foi atacada, simplesmente acelerou o declínio, em vez de permitir que continuasse definhando e se deteriorando. A queda da cidade provocou ondas de choque em todo o continente, mas quanto mais longe a cidade em que as pessoas viviam, menos óbvios eram os efeitos da perda de Roma. Alguns lugares ficaram felizes em ver o fim dos romanos em seu domínio.

Sinais do fim de Roma

Um dos principais sinais de que Roma não era mais a potência que existia antes era a decadência da cidade e a manutenção geral do reino que havia sido empregado no auge do império. As pessoas no poder eram mais como abutres separando o império enfraquecido do que governantes de verdade. Havia alguns bons líderes nos últimos 100 anos ou mais, mas eles eram minoria. As lutas deste período refletiram a do fim da República Romana algumas centenas de anos antes, que terminou com Júlio César assumindo o controle e removendo amplamente os senadores do poder. Várias centenas de anos depois, o povo de Roma havia esquecido as lições do declínio da República Romana e, portanto, estava fadado a repeti-lo.

Enquanto as pessoas procuravam cumprir suas próprias ambições e ganância, o extenso controle do império se esvaiu constantemente. A incapacidade de Roma de prover as pessoas nos arredores de suas fronteiras seria realmente o catalisador dos ataques que seriam o começo pungente do fim da Roma antiga.

Havia vários sinais de alerta que deveriam ter deixado os romanos saberem que estavam seguindo um caminho para a destruição. Homens como Nero e Calígula ainda são lembrados hoje por suas exigências selvagens e sua indiferença em relação às pessoas que governavam. Permitir que homens assim permanecessem no poder ajudou a destruir o império, porque abalou a fé do povo em Roma. Eles eram um sintoma, no entanto, e não a causa da queda.

Subestimando o inimigo

Os romanos sofriam do mesmo tipo de arrogância que advertiam outros. Acreditando cegamente em sua própria invencibilidade, eles não pensavam que seria possível alguém atacar com sucesso sua cidade. Sempre que havia sinais de problemas, as pessoas no poder recuavam suas forças armadas para proteger o núcleo do império, deixando as pessoas nos territórios periféricos vulneráveis a ataques. Isso era contra os acordos que Roma havia estabelecido com esses territórios quando eles negociaram o controle ou o levaram à guerra.

Para as pessoas em Roma, as pessoas dessas regiões do extremo norte, como o que se tornaria o Reino Unido e o norte da Europa, representavam pouca ou nenhuma ameaça, porque eram pouco sofisticadas e sem instrução. Parecia ridículo até considerá-los um perigo para o império. No entanto, essa subestimação grosseira seria o que deixaria Roma vulnerável às pessoas que consideravam inferiores.

Nos primeiros dias, porém, os imperadores romanos eram militares hábeis que haviam ajudado a conquistar a maior parte do continente. Com o tempo, os governantes tornaram-se mais como pirralhos mimados que não entendiam a importância de manter seus acordos com as pessoas que governavam. O fornecimento dos suprimentos e assistência necessários durante os períodos de dificuldade significaria menos dinheiro para os governantes usarem em seus projetos e caprichos pessoais.

No entanto, talvez o erro mais crítico como resultado de sua ignorância estivesse na crença de que as populações nas terras sob seu controle não

tinham formação e não possuíam o tipo de treinamento que o povo de Roma e seus arredores tinham. A realidade era que muitos dos homens que viviam nessas regiões haviam servido nas forças armadas romanas, lutando pelo império. Eles não eram apenas educados, mas eram incrivelmente bem treinados nas táticas usadas pelas forças armadas romanas. Muitos dos oficiais romanos vieram dessas áreas, alguns por causa de sua admiração pelas habilidades dos militares romanos e outros apenas para servir ao império. Esses homens eram leais ao império e tinham certas expectativas quanto ao que o império proporcionaria.

Quando Roma não cumpriu suas obrigações, a fé no império começou a desmoronar nas regiões externas. Isso ocorreu quando os hunos, que haviam atravessado o oeste da Ásia e o leste da Europa, começaram a invadir o território dos godos, que viviam além da fronteira do Império Romano com outras tribos germânicas. Buscando proteção contra o Império Romano, o líder dos godos enviou um pedido ao imperador para que seu povo se estabelecesse em terras romanas para que eles tivessem proteção romana. O imperador Valens pareceu ignorar o pedido porque o número de godos que buscavam segurança era mais do que ele acreditava que o Império Romano poderia sustentar. Mais uma vez, o líder gótico escreveu ao imperador implorando para permitir que os godos ocupassem as terras por causa da ameaça iminente dos hunos. E, novamente, o imperador não respondeu.

À medida que o inverno se aproximava, os godos sabiam que estavam ficando sem tempo para ocupar uma nova terra e ainda tinham tempo para plantar e colher colheitas antes do inverno cair. Eles começaram a entrar em pânico, e seu líder não era mais capaz de aceitar o silêncio do imperador Valens. Embora Valens estivesse tentando aprender mais sobre as pessoas que buscavam sua proteção, ele deveria ter enviado algum tipo de resposta. Sua falta de compreensão da situação, associada à sua própria distância da ameaça, o cegou para os perigos que ele estava fazendo para si e para Roma, ignorando uma população tão grande de pessoas que já haviam se dado bem com Roma antes. Relutantes em continuar esperando, os godos se estabeleceram no território sem a aprovação do imperador.

O resultado foi a Batalha de Adrianópolis (também chamada Adrianópolis) em 378 dC. Os godos superaram em grande parte os romanos, e o encontro

ocorreu como seria de esperar. Com uma estimativa de 10.000 a 20.000 soldados romanos mortos, Roma perdeu cerca de dois terços de seus militares. O imperador Valens também morreu durante esse encontro.

Depois de terem perdido tão espetacularmente, os romanos tiveram que permitir que os godos se estabelecessem dentro de seus limites, porque agora eles tinham um conjunto de problemas completamente diferentes, começando com a colocação de um novo imperador. Uma paz provisória reinou, mas as tensões continuaram a ferver sob a superfície.

Vendo a chance de retomar suas próprias áreas, outras tribos germânicas hostis começaram a se afastar nas bordas do império. Mais de 100 anos antes da época que os historiadores consideram a queda de Roma, o Império Romano do Ocidente já estava perdendo seu poder e suas terras. Roma era consideravelmente menor quando caiu. A Batalha de Adrianópolis foi apenas a primeira vez que os romanos subestimaram seriamente seu inimigo.

Isso seria ressaltado novamente quando Roma não cumpriu suas obrigações com os visigodos, uma tribo ocidental dos godos, por volta do final do século III. O líder deles era Alaric, um homem que havia servido como oficial nas forças armadas romanas. Ele era como uma ponte viva entre seu povo e o império que ele serviu com distinção por anos. Roma havia prometido a ele que ele e seu povo poderiam se instalar em terras nos Bálcãs; no entanto, o imperador novamente não respondeu ao pedido de permissão para resolver. Esse erro quase idêntico foi cometido pelo imperador romano ocidental Honório.

Em vez de levar seu povo para estabelecer as terras como os godos haviam feito, Alaric começou a fazer exigências adicionais ao imperador, o mais notável é que o imperador concede ao povo de Alaric a cidadania romana. Isso daria aos visigodos benefícios que não eram oferecidos a não-romanos. Os tipos de benefícios que eles obteriam incluem a capacidade de votar, herdar terras e ser protegido pela lei romana.

O imperador Honório finalmente respondeu com uma negação do pedido, e cada novo pedido também foi recebido com uma negação. Assim como o imperador Valens, o imperador Honório estava subestimando catastroficamente seu oponente.

Alaric se destacara como parte das forças armadas romanas e trouxera seu estilo de luta de volta ao seu povo. Ele sabia como comandar um campo de batalha e, mais importante, sabia como forçar seu oponente a se render. Como cristão e líder, ele era muito rígido em sua compreensão do certo e do errado e, nesse caso, ficou claro que Roma estava errado. Para corrigir isso, ele usaria o que havia aprendido como membro de suas forças armadas para forçar o imperador a cumprir sua promessa original.

Deve-se notar que em nenhum momento ele pretendeu causar a queda de Roma ou destruir o império. Ele procurou apenas obter o que ele e seu povo haviam sido prometidos. Dados seus anos de serviço, foi um erro grave que Roma tentasse renegar essa promessa. Era apenas um sinal de quão cegos os imperadores haviam ficado com suas obrigações.

Não querendo sentar e esperar ou desonrar seu serviço reivindicando as terras, Alaric chamou seus homens para as armas e os marchou até Roma. O imperador demonstrou uma obscena falta de compreensão da situação, desconsiderando completamente o grande exército visigótico que marchava em direção a Roma. Ou o fez até bloquearem todas as estradas, fazendo com que o comércio quase cessasse entre Roma e o resto do império. Alaric usou seu conhecimento de como manter suas tropas motivadas, organizadas e sob seu controle para impedir totalmente Roma. Enquanto isso acontecia, o incompetente imperador Honório estava relaxando em sua casa em Ravenna, a atual capital do Império Romano do Ocidente, localizada fora da cidade.

Enquanto controlavam as estradas, as tropas de Alaric não sofreram durante esse período. Eles foram capazes de negociar e obter suprimentos das mesmas pessoas que impediram de chegar à cidade. As pessoas que moravam em Roma, no entanto, não tiveram tanta sorte. Água e comida começaram a se tornar escassas, enfraquecendo significativamente a proteção da cidade. Enquanto isso, o imperador continuava ignorando as exigências para que ele cumprisse sua promessa a Alaric e seu povo.

Não vendo outras opções, Alaric e seus militares entraram em Roma em 410 dC, e realizaram o que poucos haviam realizado antes. Saquearam a cidade de Roma. Levaram apenas três dias antes de partirem com o que podiam levar com eles. A única exceção era que Alaric não permitiria que seus homens removessem ou prejudicassem nada das basílicas de São Paulo e São Pedro. Os 6.000 homens que o imperador Honório finalmente enviou não tiveram chance contra o exército bem armado e bem organizado de Alaric.

Embora Roma continuasse a ter um pouco de controle sobre o império por mais meio século, era apenas uma sombra de seu eu anterior. O último imperador, Romulus Augustulus, tinha apenas quatorze anos quando subiu à sua posição em 475 dC, e ele não durou como imperador por mais de um ano. Ele era principalmente um fantoche de seu pai, e quando o senhor da guerra germânico Odoacer matou o pai do imperador em 476 dC, ele ofereceu ao menino imperador a aposentadoria e depois o mandou embora para viver o resto de sua vida em outro lugar. Odoacer assumiu o controle do resto dos militares e enviou enviados para Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente.

Essa série de eventos foi considerada o fim do Império Romano do Ocidente.

Lidar com o Império Desmoronado

O que muitas pessoas não percebem é que a queda de Roma não foi o fim do império como as pessoas da época o conheciam, mas apenas a perda de uma de suas principais cidades. A Europa Ocidental viu o Império Romano do Ocidente desmoronar, mas a Europa Oriental e o Império Romano do Leste continuaram a prosperar e prosperar. Esta é parte da razão pela qual chamar desta vez a Idade das Trevas é incrivelmente impreciso - a tecnologia e a civilização continuaram avançando, mas não nas partes da Europa que se desenvolveriam na história mais recente. No que é hoje conhecido como Império Bizantino, não houve perda de engenhosidade, cultura, arquitetura ou qualquer outra coisa que as pessoas associem à Roma antiga. No entanto, o papel do Império Bizantino é muito maior do que uma seção curta pode abordar, e ainda há informações extensas sobre

esse império em particular hoje. O capítulo 4 fornece uma visão geral de como eles perpetuaram tudo o que tornara Roma tão influente.

A Europa Ocidental se fragmentou e as pessoas que ainda se consideravam romanas começaram a assumir o controle de seus próprios domínios muito menores. Esses governantes continuaram usando muitas das mesmas leis e princípios que haviam sido a pedra angular do império. Essencialmente, o que aconteceu na Europa Ocidental foi uma evolução irrestrita do império decadente. As pessoas retornavam aos lares de seus ancestrais, não mais vinculadas a um império que se tornava cada vez menos sensível às suas necessidades.

A reconfiguração das terras que faziam parte do império naturalmente viu muitas guerras, enquanto diferentes povos tentavam reivindicar suas terras ancestrais, tirar proveito do vácuo de poder ou estabelecer algo mais benéfico para o seu povo. Para essas pessoas, a vida mudou significativamente.

Porém, para cerca de 90% da população, não houve mudança real. Camponeses e escravos não viram nenhuma mudança real em suas vidas diárias. As escaramuças e as batalhas pelo controle claramente as prejudicaram, mas isso provavelmente não foi muito diferente das mesmas escaramuças e batalhas que ocorreram durante o declínio do império. A vida não era mais dura ou mais fácil do que era antes do último imperador se aposentar. Apesar de toda a beleza e progresso alcançados por Roma, na verdade, apenas uma pequena porcentagem da população se beneficiou dela. A elite romana também havia sido incrivelmente cruel com quem tentava perturbar o sistema que beneficiava essa pequena minoria da população, mantendo o resto do império sob seu controle. A crença cega de que as coisas continuariam as mesmas causou os erros que mais os machucariam. As tribos germânicas que eles haviam desprezado e alimentado com animais selvagens no Coliseu se vingariam, deixando a elite morta ou vivendo um modo de vida muito diferente do que antes.

As mudanças mais interessantes ocorreram nas áreas fora de Roma, nos lugares que eles tiveram mais dificuldade em domar. A pequena ilha da Grã-Bretanha, que um dia seria a base de um império completamente diferente, foi uma das primeiras áreas que Roma havia deixado por conta

própria, mesmo antes de Roma cair. As regiões que um dia formariam as principais nações da Europa continental (Espanha, Portugal, França e o Sacro Império Romano) também passaram os próximos cem anos lutando contra invasores e começando a formar as raízes iniciais do que acabariam se tornando.

OceanofPDF.com

Capítulo 3

A Ascensão da Igreja Cristã

No começo, o cristianismo era mais uma seita do judaísmo do que uma religião independente. Com o tempo, cresceu em popularidade e ganhou respeito, espalhando-se por todo o Império Romano. Inicialmente, as pessoas que eram crentes nessa religião eram tratadas com desprezo, e os romanos desfrutavam literalmente de atormentar os cristãos até a morte. No entanto, quando Roma caiu, o cristianismo havia se tornado uma religião própria que atraía pessoas de todo o continente.

A corrupção de Roma até o final do Império Romano do Ocidente não havia perdido os ensinamentos do que hoje se chama mitologia romana. Em vez disso, as duas religiões tinham seguidores que viviam lado a lado. No entanto, a força das tribos germânicas que eram cristãs começou a atrair seguidores dos antigos deuses. Como Roma foi derrotada repetidamente por membros dessa nova religião, o culto aos deuses antigos foi abandonado.

Após o saque de Roma e o fim do Império Romano do Ocidente, o cristianismo emergiu como a religião dominante, mesmo em Constantinopla. Os deuses antigos acabaram entrando na obscuridade e depois na mitologia. O cristianismo evoluiu de uma religião que procurava ensinar a salvação para uma religião muito maior, mais organizada e mais poderosa. No final da Idade das Trevas, a religião era quase irreconhecível desde seu começo humilde. Embora tenha sido uma das poucas coisas que ajudaram a unificar as pessoas em todo o continente, tornou-se uma religião com uma base de poder centralizada que acabou se tornando tão corrupta quanto o Império Romano. Durante a Idade das Trevas, no entanto, a religião ainda estava se encontrando e atraindo seguidores por meios menos violentos.

Perseguição e aceitação em Roma

O cristianismo começou com Jesus, mas seus seguidores pegaram seus ensinamentos e os espalharam além da Judéia. Paulo de Tarso tornou-se o maior proponente da religião. Começou como uma seita incrivelmente

desorganizada que procurava salvar almas após a morte através dos ensinamentos de Jesus. Enquanto o judaísmo foi reconhecido pelo Império Romano, o cristianismo não foi. Embora o cristianismo fosse considerado uma seita judaica e não uma religião formal na época, não recebeu as mesmas proteções que a religião raiz a partir da qual começou.

Como resultado, oficiais do Império Romano ocasionalmente perseguiam os seguidores do cristianismo. Às vezes, os cristãos eram até usados no Coliseu como entretenimento, pois eram despedaçados por animais selvagens. Na maioria das vezes, porém, os romanos tendiam a ignorar essa pequena seita, mesmo quando ela se espalhou pelo império. Era tipicamente política romana permitir que as regiões conquistadas continuassem com suas próprias crenças. A exceção foi quando as pessoas começaram a desafiar diretamente a autoridade romana. Quando isso acontecia, os romanos agiam rapidamente para detê-los. Essa abordagem mais laissez-faire para administrar seus territórios fazia parte do que tornou tão fácil para o cristianismo se espalhar tanto quanto nos primeiros dias.

Quando o cristianismo se tornou uma religião mais proeminente, o povo de Roma começou a tomar nota. Isso logo convenceu o imperador Constantino I a emitir o edito de Milão. Este decreto concedeu status legal a várias religiões dentro do Império Romano, incluindo o cristianismo, em 313 dC. Mais de uma década depois, em 325 dC, o imperador introduziu o Conselho de Nicéia. O objetivo principal deste conselho era estabelecer as crenças primárias do cristianismo. O resultado final foi o Credo Niceno, que afirma os preceitos e crenças básicos do cristianismo de forma concisa. O cristianismo estava finalmente ganhando poder e organização mais tangíveis.

Ainda assim, não substituiu as crenças dos romanos. Isso não ocorreu até 380 dC, quando o imperador Teodósio I emitiu seu edito de Tessalônica. A forma do cristianismo seguida por Constantino (comumente referido como cristianismo niceno) foi a forma do cristianismo que se tornou a religião oficial do império. Todas as outras formas de cristianismo foram banidas, perdendo sua proteção sob o imperador Teodósio. Este foi o primeiro grande evento de perseguição que foi instigado por uma poderosa figura cristã, mas não seria o último, infelizmente.

Um sinal de Deus

Quando Roma caiu, o cristianismo havia se tornado uma religião reconhecida e poderosa, e ainda estava se espalhando por todo o continente. Muitas das tribos germânicas eram cristãs, por exemplo, os godos. Em Roma, no entanto, ainda havia muitos seguidores da antiga religião romana com seu panteão de deuses.

Uma vez que Roma deixou de ser o centro de seu império, as pessoas começaram a ver sua queda como um sinal de que os deuses romanos não eram tão fortes quanto o deus cristão. Afinal, o deus cristão ajudou as tribos germânicas a vencer duas grandes batalhas contra os imperadores romanos. Parecia óbvio que os deuses romanos não eram capazes de enfrentar um deus tão poderoso que estava levando seu povo à vitória.

Com muitas pessoas na Europa tomando a queda de Roma como um sinal religioso, o cristianismo viu um aumento na popularidade e uma evolução adicional de seus ensinamentos de perdão, tolerância e pacifismo. O sinal de que o deus cristão era mais poderoso do que outros deuses convenceu muitas pessoas na Europa a seguir os ensinamentos cristãos, dando à Igreja cristã ainda mais poder. Com esse novo poder, surgiram divergências sobre como interpretar os antigos ensinamentos. Isso acabou causando uma grande divisão entre o cristianismo oriental e ocidental, mas isso só aconteceu depois de 1000 dC.

Uma fusão de crenças

As diferentes religiões cristãs em toda a Europa tendiam a discordar umas das outras, geralmente alegando que eram a religião certa e que outros ensinamentos estavam errados ou eram uma forma de heresia. No entanto, quando se tratava de converter outras pessoas para sua religião, elas frequentemente trabalhavam juntas com outras religiões. Muitos dos feriados cristãos (se não todos) são realmente baseados nas celebrações ou observâncias de outras religiões.

Talvez o mais conhecido desses feriados seja a Páscoa, que na verdade era uma celebração pagã da primavera e a renovação do mundo em uma nova vida. Este festival começou com os saxões para celebrar sua deusa Eostra,

que dava à humanidade primavera todos os anos. Uma das razões pelas quais foi fácil começar a transformar essa celebração em um feriado cristão é que a celebração da primavera começou na época do feriado da Páscoa judaica, um feriado que ainda estava sendo observado pelos cristãos. O nome da Páscoa celebra o fato de os judeus serem libertados da escravidão no Egito antigo, e o nome vem da "passagem" das casas no Egito antigo que pertenciam aos escravos judeus. Dizia-se que qualquer lar que não estivesse marcado foi visitado pelo espírito santo que matou o filho mais velho.

A correlação entre a renovação da vida tinha paralelos óbvios. No entanto, o cristianismo precisava de algo mais específico para sua religião, em vez de estar ligado ao judaísmo. Em vez de equiparar o feriado com a Páscoa, eles escolheram correlacioná-lo com a morte e ressurreição de Jesus. Isso tinha conexões ainda mais óbvias com o tema da renovação e ajudou a persuadir os pagãos a se converterem ao cristianismo, redirecionando um dos principais feriados pagãos. Este era um método que a Igreja Cristã usaria durante a maior parte da Idade Média. Como eles adaptavam as férias para atender às necessidades de sua religião e depois as espalhavam por todo o continente, fica difícil saber exatamente quando os eventos históricos da religião realmente ocorreram. Por exemplo, nos primeiros cem anos, os cristãos não comemoraram o nascimento de Jesus porque era considerado errado reconhecer o nascimento de um mártir como um feriado. Foi somente em 221 dC (pouco menos de 200 anos após sua morte) que os cristãos começaram a reconhecer o feriado, e o marcaram para 25 de dezembro. Isso coincidiu com a celebração romana do solstício de inverno e provavelmente não refletiu a data real do nascimento de Jesus.

O cristianismo de Nicéia também não abandonou os ensinamentos, a cultura ou as crenças do Império Romano. Como a Igreja Cristã fez com muitas das religiões e culturas que encontrou em toda a Europa, tomou diferentes aspectos do Império Romano e o adaptou para se encaixar nos ensinamentos do cristianismo. Olhando para a Igreja Católica Romana, muitas das crenças e estruturas vieram do antigo império. O fato de os serviços da Igreja continuarem sendo prestados em latim até o final do século 20 mostra quanta influência o império teve sobre a religião. Até o nome do chefe da Igreja, o papa, é derivado do título oficial do sumo sacerdote do panteão romano. O termo Pontifex Maximus foi usado para

designar o chefe da igreja cristã, com um de seus títulos oficiais sendo o Sumo Pontífice.

OceanofPDF.com

Capítulo 4

Roma continua - Império Bizantino

Como mencionado no capítulo 2, o saque de Roma e a remoção do último imperador romano não foram vistos como um fim do Império Romano. Havia duas grandes cidades que governavam o Império Romano, cada uma com seu próprio governante. Roma foi certamente o local onde o império começou, mas havia se tornado tão grande durante seu pico que exigia uma segunda cidade e governante para administrar o lado oriental do império.

A idéia de que tudo estava perdido quando Roma caiu é obviamente errada, tanto quanto as tradições, a literatura e até sua mitologia são conhecidas hoje. Muitas das informações sobre o Império Romano foram preservadas pelo povo de Constantinopla, garantindo que os eventos, as pessoas e a cultura fossem preservados muito depois da queda da ilustre cidade.

Os efeitos da queda também foram sentidos no leste. As duas cidades podem ter sido governadas separadamente, mas ainda trabalhavam juntas. Sem Roma, Constantinopla teve que lidar com questões como dívida e proteção sem a força das forças armadas romanas. Eles tinham suas próprias estruturas militares, sociais e leis, mas sempre houve um nível de segurança no lado ocidental que foi perdido sem a cidade irmã.

A necessidade de um segundo governante

A maioria das pessoas considera Roma o centro do Império Romano. Foi aí que o império começou, mas a expansão perpétua tornou muito difícil para uma única cidade gerenciar todos os territórios dentro do império. A divisão ocorreu em 285 dC sob o imperador Diocleciano. Ao dividir o controle com a cidade a leste, o governo das duas áreas muito diferentes se tornou mais gerenciável. Roma era a capital da parte ocidental do império, e Bizâncio era a capital do lado oriental. A capital oriental mais tarde seria renomeada Constantinopla.

As duas metades desse extenso império continuaram a prosperar, e nenhuma metade era considerada mais vital ou controlada do que a outra. As coisas começaram a mudar cerca de 100 anos depois, sob o imperador Teodósio, o mesmo imperador que proibiu todas as versões do cristianismo que não estavam em conformidade com o cristianismo niceno. Entre 379 e 395 dC, o imperador do Ocidente tornou-se mais tirânico que os imperadores anteriores, e seu zelo pelo cristianismo provou ser prejudicial à tolerância que fazia parte da religião cristã antes de seu reinado. Teodósio queria não apenas livrar o império das crenças pagãs, mas forçar todos os cristãos a se conformarem ao que ele acreditava ser o conjunto certo de crenças. Isso causou uma brecha entre as duas metades do império, dividindo-as no Império Romano Ocidental e no Império Bizantino. No entanto, esses termos foram criados após a queda do império, e as pessoas naquela época se consideravam parte do Império Romano, independentemente do império em que viviam.

A divisão vinha crescendo há algum tempo, então as diferentes ideologias estavam sempre destinadas a dividir ainda mais as duas metades do império. Alguns dos imperadores da metade oriental nem sequer viajaram para Roma, destacando o fato de que eles eram sua própria fonte de poder.

Com o tempo, Roma continuou a se concentrar no controle e no poder religioso. Sua falta de foco em manter sua parte do império e deixar de manter seus acordos com os povos de seus territórios sujeitos resultou em sua morte. A região sob a proteção e controle de Constantinopla não sofreu o mesmo destino. Eles eram mais indulgentes e suas políticas os ajudaram a se tornar mais prestigiados e poderosos à medida que Roma declinava. Seria incrivelmente feliz que as duas metades tivessem se partido. Quando Roma declinou, o povo sob o domínio bizantino continuou as tradições e a cultura que haviam começado em Roma.

Os efeitos da queda de Roma

Embora fosse separado de Roma, Constantinopla e a metade oriental do império ainda sentiam os efeitos da perda do que já foi a cidade mais poderosa da Europa. Do ponto de vista prático, as tribos germânicas que

havia destruído Roma e finalmente saqueado Roma eram agora uma ameaça para a fronteira ocidental do Império Romano do Oriente.

A própria capital era menos suscetível a ataques por causa de sua localização. Por ter passado por um estreito, tentar invadir a cidade se mostraria tão difícil de alcançar quanto fora o saque de Roma. E demorou quase o tempo para o inevitável acontecer em Constantinopla. As tribos germânicas representavam uma ameaça ao Império Bizantino, mas com uma fronteira muito menor, os riscos para a metade oriental não eram tão grandes quanto haviam sido para Roma. Isso mudaria ao longo do tempo à medida que o Império Bizantino se espalhasse, mas nos anos imediatamente seguintes à queda de Roma, a capital oriental e as terras sob seu domínio estavam seguras.

Sempre houve uma separação de ideologia entre as duas cidades poderosas e, uma vez que a metade oriental se tornou a única metade sobrevivente, continuou a se afastar das raízes latinas de Roma, pois favorecia as tradições gregas. Embora não tenha descartado completamente a cultura de Roma, o Império Romano do Oriente mudou mais para seguir as tradições gregas. Apesar disso, o Império Bizantino continuou algumas das tradições de Roma que o tornaram tão vasto e poderoso. Os líderes de Constantinopla exerceram forte controle sobre os aspectos administrativos de governar seu povo, conseguindo manter a cidade e suas terras estáveis durante um período tão incerto. Eles também tinham uma firme compreensão dos problemas e métodos econômicos para minimizar a perda de sua outra metade. Conscientes da importância de suas forças armadas, os administradores e o imperador do Império Bizantino garantiram que suas forças armadas continuassem fortes e fossem bem financiadas. Eles administraram seus recursos com muito mais eficiência do que Roma durante seu declínio.

Construindo um novo império

Mesmo sem Roma, a metade oriental do império floresceu. Não havia imperadores com quem eles tinham que coordenar, comprometer ou discutir sobre como a cidade e suas terras deveriam ser administradas. Tendo garantido suas fronteiras através do aumento de suas forças armadas, logo

se tornaram um ator incrivelmente influente na Europa, no Oriente Próximo e no norte da África. No entanto, eles nunca conseguiram recuperar grande parte da Europa continental.

Havia muitos governantes notáveis do novo império também. Homens como o imperador Justiniano conseguiram ajudar a expandir o império, estendendo seu alcance muito além dos limites que mantinha após a queda de Roma. Ao contrário do Império Romano do Ocidente em seus últimos anos, o povo do Império Romano do Oriente tinha oportunidades que iam muito além de sua posição. O próprio imperador Justiniano veio de uma posição baixa na vida, e sua esposa, a imperatriz Theodora, era uma cortesã antes de seu casamento com Justiniano. Ao ajudar as pessoas nas estações mais baixas a subir, o império começou a prosperar porque essas pessoas entendiam melhor a situação das classes mais baixas. As leis e crenças foram baseadas em uma base mais humanitária e tolerante para grande parte do Império Bizantino. Evidentemente, isso mudaria mais tarde, quando começou a apodrecer, exatamente como Roma havia feito. No entanto, os primeiros dias após a queda de Roma perpetuaram a cultura de Roma enquanto estabeleciam sua própria cultura. Por exemplo, alguns dos edifícios mais impressionantes projetados e construídos nos próximos 1.000 anos foram construídos em Constantinopla. Ao contrário das grandes catedrais e estruturas que começaram a surgir por toda a Europa Ocidental, a arquitetura do Império Bizantino estava mais próxima das tradições romanas.

Nos últimos anos do Império Bizantino, as pessoas que foram capazes de fugir para o oeste quando a cidade foi atacada, e o restante do império caiu no Império Otomano. Ao deixarem a cidade que mantinha o legado de Roma em segurança, as pessoas trouxeram o que podiam desse legado. Não é por acaso que o Renascimento italiano começou por volta do fim do Império Bizantino. A Europa Ocidental não era de modo algum o lugar bárbaro e sem instrução que é frequentemente retratado como sendo hoje durante a Idade das Trevas, mas eles não tinham a mesma conexão com o Império Romano que o povo de Constantinopla possuía. As idéias e crenças perdidas na Europa Ocidental foram restauradas e reaprendidas quando o povo de Constantinopla retornou a Roma e Itália. Foi a fusão das idéias

novas e antigas que ajudou a trazer as mudanças que iriam explodir no início da era moderna e mudar permanentemente a paisagem da Europa.

OceanofPDF.com

Capítulo 5

A ascensão do califado e a conquista da Espanha

O termo califado refere-se ao duplo estado político e religioso sob as leis muçulmanas. Hoje, também se refere a uma comunidade muçulmana, embora isso não fosse verdade nos primeiros dias de sua conquista no Oriente Médio, norte da África e sul da Europa. O líder de um califado é chamado de califa, cujo significado é semelhante ao termo rei ou imperador. A disseminação do Islã começou logo após o primeiro califa ser designado e terminou em 1258 dC, quando os mongóis entraram e saquearam Bagdá.

Durante o auge do califado, a religião do Islã foi adotada e espalhada pelas áreas sob o controle do califado, embora a população em geral não tenha que ser muçulmana nos primeiros dias. A maior parte do norte da África e do sudeste da Ásia foram incluídos nas regiões islâmicas, e muitas delas ainda praticam a religião atualmente.

O Império do Califado tentou se estender para a Europa, mas logo descobriu que eles não eram páreo para as tribos germânicas que adotaram as táticas militares do Império Romano. Era um dos poucos lugares em que não eram facilmente vitoriosos ou reconhecidos indiferentemente, e eles decidiram continuar sua conquista em outras regiões, em vez de avançar mais para o norte na Europa.

O começo de um novo império

À medida que o cristianismo continuava evoluindo e mudando por toda a Europa, uma nova religião estava se formando sob o profeta Muhammad. Ele possuía poder político e religioso sobre aqueles que o seguiam, mas sua morte representava um problema único para a religião que se formou em torno de seus ensinamentos. Como o "Selo dos Profetas", aqueles que seguiram Muhammad acreditavam que ele era o último profeta que estaria na Terra - não haveria outros profetas depois dele. Isso deu a seus ensinamentos mais peso do que os ensinamentos de profetas anteriores da

região (principalmente profetas judeus e cristãos). Assim como os cristãos acreditavam que as palavras de Jesus eram a mensagem mais importante a seguir (mais do que as palavras dos profetas anteriores), os ensinamentos de Muhammad eram a palavra final e substituíam as palavras de todos os outros profetas.

Muhammad morreu em 632 dC, deixando seus seguidores sem um líder óbvio. Tampouco deixou instruções sobre como seria sucedido como líder religioso. No entanto, seus seguidores foram organizados e eles rapidamente escolheram um dos sogros de Mohamed, Abu Bakr. Embora ele não fosse um profeta, ele serviu como o novo líder espiritual e político do Islã. Abu Bakr foi selecionado porque se acreditava que ele teria uma melhor compreensão da religião iniciada por seu genro e qual a melhor maneira de implementar seus ensinamentos e governar os seguidores de Maomé.

Com o tempo, houve um debate sobre como o novo califa deveria ser escolhido, com uma tendência a descendentes do profeta ou àqueles que de alguma forma estavam relacionados a ele. Isso acabou se tornando um aspecto divisivo na religião que ainda hoje é sentida.

Os quatro primeiros califas ou eram parentes do profeta ou eram seus companheiros íntimos. Quando Umar ibn al Khattab chegou ao poder após a morte de Abu Bakr, ele queria espalhar a religião e seu controle sobre uma área maior. Este foi o começo de uma conquista que transformou essa pequena seita na religião principal de um enorme império. Ele seria o califa de 634 a 644 dC.

Inicialmente, o foco era ganhar controle sobre as pequenas tribos ao seu redor. Isso provou ser difícil, pois seu exército não era tão organizado ou eficiente em 634, mas o novo califa trabalhou para criar um sistema militar que seria eficaz contra as pequenas tribos vizinhas. Seu sucesso começou a espalhar seu controle para as áreas circundantes e, em seguida, seu controle começou a chegar em direção ao leste e norte dos impérios Sasanian (persa) e bizantino, respectivamente.

Eles tiveram sucesso por várias décadas, até atacando Constantinopla várias vezes, embora nunca tenham derrubado com sucesso a capital do Império

Bizantino. Eles encontraram mais sucesso contra o Império Sasaniano, acabando por dissolver sua cultura e governo e estabelecer o califado na região.

Alguns apontam para o estado enfraquecido do Império Sasaniano e a falta de estruturas internas em torno das áreas que o novo império incorporou. Certamente há alguma verdade nisso, pois muitas pessoas nas regiões que estavam sob o controle do califa eram indiferentes ao novo líder. Anos de luta e terríveis governantes deixaram as pessoas em muitas dessas regiões em ambientes difíceis. No entanto, com o passar do tempo, as forças armadas do império tornaram-se eficazes e impressionantes. Eles derrotaram com sucesso o Império Bizantino em várias batalhas e raramente se perderam em suas guerras pela conquista.

Ao estenderem o império, os muçulmanos também aumentaram as fronteiras da ciência e da matemática. Os números usados hoje em ciências e matemática são algarismos arábicos, e a educação foi oferecida em todo o império islâmico. A estagnação desses tipos de interesses na Europa contrastava fortemente com a maneira como os muçulmanos se esforçavam para melhorar a vida das pessoas que estavam sob eles. Eles valorizavam a educação e o aprendizado porque entendiam o valor de ter pessoas capazes de pensar e inovar.

Sua maior derrota ocorreu quando entraram na Europa e tentaram estender seu domínio sobre as tribos germânicas que ainda estavam tentando descobrir suas próprias fronteiras. Se as áreas em desenvolvimento e as nações da Europa haviam provado algo até esse ponto, era que eles estavam mais do que dispostos a se aliar para derrotar estrangeiros. Essa disposição de ignorar suas diferenças fez das tribos germânicas que aplicaram as antigas táticas romanas contra seus inimigos um inimigo incrivelmente formidável. E era algo que o comandante islâmico e seus homens não previram.

Sucesso inicial e a primeira resistência

Tendo experimentado repetidos sucessos em todo o norte da África, o exército muçulmano voltou-se para o Estreito de Gibraltar para continuar

sua expansão para o norte. Eles fizeram o seu caminho em grande parte incontestável no que um dia se tornaria a Espanha entre 711 e 713 dC. Como muitos dos outros lugares que conquistaram, os militares e o governo muçulmanos não forçaram o povo a seguir a religião do Islã. Em vez disso, adotaram uma abordagem semelhante usada por Roma séculos antes, permitindo que as culturas e religiões de seus territórios conquistados continuassem em grande parte como antes da conquista. Os governos locais foram estabelecidos sob uma governança muçulmana e as regiões seguiram os sistemas financeiros estabelecidos sob o califa. Com o tempo, essa abordagem se mostrou muito mais eficaz do que forçar a conversão à sua religião (como seria visto mais tarde na Europa, quando muitas igrejas cristãs, como a Igreja Católica e a Igreja Anglicana, mataram qualquer um que não se convertesse). Essa tolerância com outras religiões mostrou que os governantes muçulmanos não apenas entendiam suas diferenças, mas também queriam que a vida melhorasse de maneiras que se adequassem aos lugares que conquistaram.

Eles também adotaram as táticas e armas das áreas que conquistaram. Quando o exército muçulmano se espalhou pela Espanha, eles já haviam se tornado hábeis em incorporar as técnicas da Ásia Central em suas guerras. Isso provou ser instrumental em suas conquistas bem-sucedidas, e eles raramente enfrentavam pessoas que pudessem combater essa abordagem.

Foi somente quando começaram a tentar ir além da Espanha e mais para a Europa que o exército muçulmano encontrou um oponente que eles subestimaram imensamente. Talvez eles esperassem o mesmo tipo de sistemas políticos e militares fracos que poderiam ser rapidamente incorporados aos seus. Enquanto continuavam a avançar para o oeste, parecia que teriam algum nível de sucesso ao encontrar o duque Odo, da França, que procurava formar uma aliança com eles contra os francos que seguiam Charles Martel, também conhecido como Charles o Martelo. Odo esperava proteger suas terras dos francos invasores através de uma aliança com um grupo mais poderoso, mas suas esperanças foram rapidamente dissipadas quando um novo emir (governante) subiu ao poder depois que uma guerra civil eclodiu nos territórios muçulmanos. Abdul al-Rahman não queria uma aliança; ele queria continuar a expandir o império. Marchando seus homens para o norte, ele começou a entrar em partes da França

moderna. A única vitória que Odo encontrou contra esse novo inimigo foi durante a Batalha de Toulouse, em 721 dC. No entanto, os muçulmanos foram capazes de assumir o controle da maior parte da Aquitânia e Bordéus.

Odo agora estava diante da realidade de que a única maneira de impedir esses novos invasores era recorrer aos francos e a Charles Martel. Em troca de ajudar Odo, Charles exigiu que seu acordo estivesse sujeito aos francos. Sabendo que ele não tinha outras opções, Odo concordou e depois enfrentou os muçulmanos que continuavam sua conquista no domínio de Odo. Quando os muçulmanos o derrotaram na Batalha do Rio Garonne, em 732, Martel marchou para o sul para encontrar o exército que avançava. Martel estava determinado a escolher o terreno onde começaria a próxima batalha, a Batalha de Tours.

Alguns historiadores especulam que a série de eventos a seguir demonstrou um senso de excesso de confiança ou complacência por Abdul-al-Rahman. Talvez acreditando em sua própria superioridade após derrotar Odo, ele pensou que conquistar os remanescentes do Império Romano seria igualmente fácil. Seja como for, quando ele finalmente enfrentou Martel, o comandante muçulmano não estava pronto para lutar contra alguém que passara muito tempo estudando as táticas militares do Império Romano e Alexandre, o Grande, e aperfeiçoando essas táticas.

Tendo escolhido onde ele lutaria, Martel fez seus homens formarem uma formação defensiva firme em terreno alto, dando-lhes uma vantagem significativa sobre o exército muçulmano. Inicialmente, Abdul al-Rahman se demorou estudando os francos, com algumas escaramuças surgindo ao longo de vários dias. Com a promessa de riqueza à sua espera em Tours, o comandante decidiu fazer um ataque frontal total contra os francos bem posicionados. Isso foi exatamente o que Martel queria enquanto a batalha difícil cansava seus cavalos, e era muito mais difícil penetrar na formação rígida dos francos.

Então começou a espalhar-se entre as forças muçulmanas que alguns dos francos começaram a atacar seu flanco, levando parte do tesouro que os muçulmanos haviam apreendido enquanto marchavam para o norte. Ao ouvir isso, a cavalaria imediatamente se virou para impedir que os francos pegassem seu tesouro que havia sido deixado para trás nas tendas. O resto

dos militares tomou isso como um sinal de retirada, e eles rapidamente seguiram sua cavalaria. Quando Abdul al-Rahman tentou convencê-los a se virar, ele percebeu que estava muito em menor número que os francos. Os francos rapidamente se aproveitaram da situação, matando o comandante e semeando mais caos entre seus militares. Estima-se que os muçulmanos tenham perdido cerca de 10.000 de seus soldados durante a batalha, em oposição aos 1.000 a 1.500 francos que morreram. A estratégia de Martel claramente foi muito além de tudo o que os muçulmanos poderiam ter esperado, tornando sua subestimação do inimigo um erro grave que lhes custou muito mais do que eles estavam dispostos a arriscar novamente.

Essa mudança inesperada de eventos não convenceu os muçulmanos a deixar o continente, mas marcou o fim de seu desejo de se expandir ainda mais nessas terras cristãs em particular. A Batalha de Tours ganhou uma reputação que Martel usaria para estender seu reino. Os muçulmanos, por outro lado, permaneceram entrincheirados nos territórios que já haviam tomado no sul da França e na Espanha. Mais algumas campanhas foram arriscadas em 736 e 739 dC, mas os resultados das incursões rapidamente lembraram a qualquer comandante ambicioso por que mudar para o norte não era aconselhável. Com tantos territórios já sob o controle do califa, foi decidido que tentar se estender para o norte contra uma oposição tão forte era injustificado. Simplesmente não valeu a pena o esforço, especialmente quando outros problemas começaram a surgir no resto do império.

Com o passar do tempo, o império começou a decair e os califas se concentraram em todas as coisas erradas, assim como em quase todos os outros impérios que se desfizeram. O território islâmico começou a encolher porque eles não conseguiram manter as forças armadas de uma maneira que lhes permitisse manter o controle de suas extensas terras. As pessoas que viviam sob eles ficaram descontentes com a sobrecarga e a falta de benefícios, assim como o povo de Roma, o Império Bizantino e quase todas as outras civilizações haviam experimentado. As mudanças bem-vindas introduzidas pelos muçulmanos deram lugar ao mesmo tipo de líderes que procuravam obter ganhos pessoais em vez da melhoria de seu povo. A Idade Média era tão abundante nesse padrão repetido quanto numerosos impérios foram vítimas de deixar de prestar atenção à história e

repetir os mesmos erros que haviam acabado com quase todos os impérios anteriores.

OceanofPDF.com

Capítulo 6

O Reino Lombard

Os lombardos eram uma tribo germânica particularmente interessante. Originários da região da Escandinávia, eles finalmente migraram para a Itália, onde governaram por mais de 200 anos. Era uma regra muito desigual que via muitos reis fracos e ineficazes e uma nobreza que frequentemente buscava interesse próprio sobre o interesse do reino. Um punhado de líderes expandiu esse reino para se tornar algo muito maior do que seus humildes princípios sugeriam ser possível.

No entanto, sua infeliz série de maus governantes causou um declínio semelhante ao observado em Roma. Lutas internas e falta de habilidade em governar levariam os lombardos a ofender o poderoso reino franco. Se havia algo que os lombardos fizeram bem, porém, estava se conformando e se adaptando ao novo ambiente e regra. Eles podem não ter mantido seu reino viável por muito tempo, mas foram facilmente incorporados ao reino que se seguiu após a queda deles.

A Grande Migração

Havia muitas tribos germânicas diferentes, e nem todas foram conquistadas pelos romanos. Por aproximadamente 100 anos (376 a 476 dC), essas tribos começaram a se mover e a se estabelecer em novas regiões. Embora as datas sejam discutíveis, muitos historiadores citam a realocação e migração dos godos em 376 dC como o primeiro grande evento da Grande Migração. Quando os godos atravessaram o rio Danúbio em território romano, resultou no ataque dos militares romanos. Os godos estavam tentando obter aprovação de Roma para fazer a mudança, e quando o pedido foi completamente ignorado, eles fizeram a jogada de qualquer maneira para escapar dos hunos que estavam invadindo suas terras. A Batalha de Adrianópolis provou que Roma não era tão poderosa ou poderosa como antes.

Outras tribos viram o sucesso dos godos, e muitos deles decidiram arriscar a mudança também. Com a prova de que Roma poderia ser derrotada, juntamente com os hunos quase invictos do outro lado, algumas das tribos germânicas decidiram se arriscar com os romanos.

Os movimentos dos Winnili, os ancestrais dos lombardos, estão envolvidos em mitos, tornando difícil saber muito mais do que eles tinham origem no sul da Escandinávia. Ao longo dos anos, eles se tornaram mais nômades e seus movimentos os levaram a encontrar várias das principais tribos germânicas, como os vândalos e os saxões.

No século I dC, eles estavam vivendo uma vida relativamente pacífica como parte do povo Suebi. As batalhas esporádicas ocorreram com as tribos celtas e germânicas, mas, na maioria das vezes, os lombardos se concentraram na agricultura e não na conquista. Isso mudaria na época da Grande Migração.

Como muitas outras tribos germânicas, os lombardos procuravam um lugar mais seguro contra a ameaça húnica e, assim, se estabeleceram em uma área ao norte da região do Danúbio. O líder deles durante esse tempo foi Lamissio, que fazia parte do que é melhor descrito como uma dinastia real. Ele havia se mostrado um grande líder antes da migração, quando reuniu seus homens para atacar os búlgaros para ajudar a resgatar uma princesa que os búlgaros haviam sequestrado. Os lombardos sabiam que Lamissio não era covarde; portanto, quando a ameaça representada pelos hunos se tornou grave, seu povo soube que o líder deles estava trabalhando no melhor interesse deles. Eles prosperaram em suas novas terras e se tornaram uma força dominante no século seguinte.

Uma guerra perdida e um novo reino

Em meados do século VI, os lombardos precisavam de um novo líder e Audoin chegou ao poder. Ao contrário dos líderes anteriores, Audoin se interessou mais em desenvolver um sistema militar mais impressionante e organizado. Usando os sistemas de outras tribos de sucesso ao seu redor, Audoin estabeleceu um exército que era baseado no parentesco. No topo de cada unidade havia um membro da nobreza, como um duque ou um conde,

e as pessoas sob eles estavam em grande parte relacionadas ao líder. Isso pretendia fornecer uma melhor conexão e senso de camaradagem entre os soldados e seu líder.

Audoin foi capaz de testar seu novo sistema militar durante um conflito de vinte anos com os Gepids, uma tribo relacionada aos godos. Foi seu filho, Alboin, quem finalmente terminou a guerra exaustiva fazendo uma aliança com os ávaros. Eles eram uma tribo vizinha dos Gepids, dando a Alboin algum apoio e criando outra frente contra os Gepids. Em 567 dC, Alboin, seus homens e seus aliados mataram Cunimund, o último rei dos Gepids, e algumas fontes dizem que Alboin transformou o crânio do rei em um cálice.

Após a vitória, os ávaros esperavam que Alboin honrasse seu acordo, que havia dito que todas as terras de Cunimund se tornariam terras dos ávaros. Isso logo provou ser um erro grave da parte de Alboin, porque os ávaros eram muito mais controladores do que os gépidas. O único benefício real que os lombardos obtiveram foi o casamento da filha de Cunimund, Rosamund, com Alboin, um casamento que lhe foi imposto como filha do líder do lado perdedor. Vendo que eles haviam piorado após o esforço de vinte anos, Alboin sabia que mesmo a aliança de casamento com os Gepids não tornava seu povo forte o suficiente para enfrentar os agora ávaros dominantes. Em vez de instigar outra guerra prolongada sem garantia de sucesso, Alboin decidiu que era hora de seu povo deixar a área. Como várias de suas forças armadas haviam servido no norte da Itália, foi feita a recomendação de ir para lá para o reassentamento. Os homens lembraram que a região era muito verde e fértil, o que a tornaria ideal para restabelecer seu estilo de vida agrário.

Alboin e seus militares se beneficiaram muito com os anos de guerra e serviço a outras tribos e os restos do Império Romano. À medida que progrediam no norte da Itália, os lombardos conseguiam facilmente controlar o controle de muitas das cidades. Para ser justo, não havia muita resistência contra eles. A única exceção a isso foi Pavia, onde os lombardos passaram três anos lutando antes de finalmente serem vitoriosos. Sua marcha e sujeição aos territórios italianos terminaram em 572 dC, e eles tinham quase toda a Itália sob seu controle. Alboin dividiu a vasta extensão de suas novas terras em 36 ducados, ou territórios, com um duque para governar cada um deles. Cada um desses duques estava sujeito a Alboin e

teve que se reportar diretamente a ele sobre o status de seu ducado. Alboin passou a residir em Verona e começou a concentrar sua atenção em manter essas novas áreas protegidas dos francos a oeste e do império bizantino a leste. Seus duques foram deixados para administrar seus ducados e, como era de se esperar, alguns eram muito mais hábeis nisso do que outros. Houve um nível díspar de sucesso em todo o reino da Lombardia, criando uma atmosfera mais divisória em todo o reino do que a unidade que a herança compartilhada deveria ter desfrutado.

Com sua atenção em outro lugar e seus duques mais preocupados em ajudar suas respectivas regiões a prosperar, ninguém estava olhando para o reino como um todo. Isso criou uma vulnerabilidade que nenhum deles previra e que já vinha há muito tempo, pois Rosamund nunca havia aceitado Alboin como marido ou governante. Ele causou a morte de seu pai e a forçou a se casar com ele, o homem que havia feito um cálice de vinho no crânio de seu pai. Ela começou a ajudar a planejar o assassinato de seu marido e conseguiu 572 dC. Deixado sem uma figura principal para liderar o Reino da Lombardia, o reino já fraturado começou a mostrar as principais falhas que eram características do tipo de governo que o controlava.

Os medos de Alboin realizados

Como muitas das outras tribos germânicas, os lombardos eram cristãos. No entanto, eles eram cristãos arianos, uma das formas heréticas do cristianismo, de acordo com o Concílio de Nicéia. Os cristãos arianos seguiram os ensinamentos de Ário de Alexandria e não acreditaram na Santíssima Trindade, que se tornou parte do cristianismo ortodoxo durante o conselho. (Um dos melhores exemplos de uma religião cristã ariana hoje são as Testemunhas de Jeová.) Essa foi outra diferença entre os lombardos e os povos das redondezas, o que os colocou em conflito religioso com os francos e o império bizantino.

O Império Bizantino tinha outro motivo para atacar o reino. Após a morte de Teodorico, o Grande, em 526 dC, o império oriental procurou recuperar a área que já fora o centro do Império Romano. A tentativa foi cara, tanto

em termos de dinheiro quanto de recursos. Durando quase trinta anos (de 526 a 555 dC), houve apenas alguns períodos em que o Império Bizantino não estava envolvido na luta contra os ostrogodos que haviam tomado a Itália. Durante esse período, eles realmente se aliaram aos lombardos para ajudar a recuperar as terras. Quando os lombardos decidiram estabelecer seu próprio reino na região que o Império Bizantino havia gastado tanto esforço para recuperar, o Império Bizantino agiu rapidamente para combater os lombardos. O Exarcado em Ravenna foi criado pelo Imperador Maurice para recuperar as terras. Infelizmente para o Império Bizantino, as pessoas da região não tinham interesse em combater os lombardos porque estavam familiarizados demais com a maneira como seriam tratados sob o império. O Exarcado não conseguiu levantar o tipo de força necessária para derrotar os lombardos, tornando o esforço quase inteiramente desperdiçado.

Após a morte de Alboin, os duques se concentraram em suas disputas mesquinhas por vários anos. No entanto, com a formação do Exarcado em 582 dC, eles finalmente tiveram um motivo para trabalhar juntos. Para enfrentar a ameaça, eles escolheram um novo rei chamado Authari em 584 dC. Mais tarde naquele ano, ele derrotou as forças que o Império Bizantino havia enviado para atacar os lombardos. Essa vitória durou pouco, pois Authari perderia terreno e aterrissaria no ano seguinte ao Império Bizantino.

Authari voltou-se para a esperança de formar uma aliança com os francos a oeste da Itália. As negociações de casamento começaram com o rei Childebert II pela mão de sua filha. Quando essas negociações falharam, o rei franco entregou sua filha a um dos reis visigodos. Embora os francos e o Império Bizantino fossem inimigos há muito tempo, eles formaram uma aliança provisória para remover os lombardos da Itália. Em 590 dC, uma invasão completa da Itália começou. Os francos provaram ser ainda mais ameaçadores que o império (embora estivessem posicionados diretamente a oeste da Itália, enquanto o Império Bizantino estava consideravelmente mais a leste) quando começaram a assumir o controle das principais cidades italianas.

Na esperança de conseguir alguns aliados, Authari casou-se com a filha de um dos duques da Baviera. No entanto, ele nunca viu a ajuda que estava tentando obter porque morreu em 590 dC. Um de seus primos, Agilulf, logo assumiu a posição de liderança. Depois de se casar com a viúva de Authari,

Agilulf tentou fazer as pazes com os francos e teve sucesso. Sem que os francos invadissem seu oeste, a Agilulf conseguiu fortalecer as fronteiras do reino da Lombardia para que não fiquem vulneráveis aos esforços do império para recuperar a Itália. Sua próxima tarefa importante era reduzir a quantidade de poder que cada um dos duques possuía, consolidando o controle do país sob o rei.

O Império Bizantino logo abandonou sua busca para recuperar a Itália, quando estavam sendo atacados pelos ávaros e eslavos a oeste e os persas ao sul. Seus militares já estavam dispersos demais e não tinham os recursos necessários para recuperar e controlar a Itália.

Portanto, sem grandes inimigos, o Reino da Lombard começou a prosperar e prosperar na paz que se seguiu. Apesar de os lombardos serem cristãos arianos e a maioria da população italiana original ser trinitária (uma das principais religiões que ajudaria a formar o catolicismo romano após o grande cisma), eles foram capazes de manter uma paz confortável. As ideologias religiosas eram menos divisórias do que as duas pessoas já haviam experimentado, e os lombardos haviam provado repetidamente que eram mais capazes de lidar com a paz do que com a guerra. Os italianos haviam visto vários conquistadores passarem e implementarem leis e impostos que eram muito mais prejudiciais à sua existência do que as diferenças entre sua religião e a dos lombardos. Foi uma paz incrivelmente única que ajudou a moldar a Itália porque, enquanto os italianos e os lombardos trabalhavam juntos, apesar de suas diferenças religiosas, outros territórios estavam se despedaçando por causa disso. Agilulf também era um estrategista astuto quando se tratava de política, e ele concordou em ter seus filhos batizados na religião italiana, e não na sua.

Essa paz também viu mudanças nos lombardos. Eles começaram a adotar um estilo de vida mais parecido com os italianos, em vez de manter sua herança germânica. De suas roupas a suas armas, os lombardos se tornaram mais parecidos com os romanos antes da queda do Império Romano do Ocidente, chegando a dar nomes romanos a seus filhos. Embora eles não tivessem dominado toda a Itália moderna, os lombardos controlavam todo o norte e o meio da região. O Império Bizantino apenas manteve o controle sobre a porção sul e Roma. Com o tempo, os lombardos começaram a reivindicar a maior parte do restante da Itália, apesar de nunca terem

conseguido tomar Roma e algumas das províncias menores do sul que eram controladas pelo Império Bizantino.

Repetindo o histórico

Enquanto a maior parte do Reino da Lombardia experimentou paz e crescimento, a posição de rei começou a mudar de mãos rapidamente. Agilulf morreu em 616 dC e foi sucedido por sua esposa até seu filho atingir a maioridade. O novo rei continuou a tolerância de seu pai, o que perturbou seu cunhado, que o depôs. Este novo rei morreu em 636 dC e foi sucedido por Rothari. Foi durante seu reinado que o Reino da Lombardia foi finalmente expandido, removendo a maioria das fortalezas do Império Bizantino. Seu filho assumiu o trono após a morte de Rothari, mas ele não durou muito, pois seus inimigos o assassinaram logo após sua ascensão ao poder.

Esse foco no controle provou ser tão revelador sobre o futuro do Reino Lombard como havia sido sobre todas as outras civilizações anteriores, inclusive Roma. Após a morte do último rei, o reino foi dividido em Milão e Pavia. Esses dois lados lutaram não apenas pelo controle, mas também pelas tribos eslavas que continuavam atacando suas fronteiras. Um último grande rei emergiria no rei Liutprand em 712 dC. Durante seu reinado, o reino se expandiu e uma nova aliança foi formada com os francos. O Reino da Lombardia pôde experimentar a paz e a prosperidade mais uma vez sob seu reinado, que terminou em 744 dC. Ele foi seguido por governantes ineficazes que se concentraram no ganho pessoal sobre a estabilidade e a segurança do reino.

Então o rei Desidério empurrou o Império Bizantino para fora da Itália no início dos anos 770, mas ele rapidamente perdeu o controle do Reino da Lombardia ao ameaçar o papa Adriano I. Isso lhe rendeu a ira de Carlos Magno, que quebrou a aliança que havia sido forjada. Liutprand. Desidério não teve chance, e em 774 dC, ele foi derrotado pelo lendário Carlos Magno, encerrando o domínio dos lombardos sobre a Itália. Alguns dos duques efetivos conseguiram manter o controle sobre seus pequenos territórios, mas não havia mais um governo central ou governante primário. Em vez disso, eles se tornaram parte do Reino Frankish.

OceanofPDF.com

Capítulo 7

Carlos Magno

Um dos nomes mais conhecidos do início da Idade Média foi o de Carlos Magno. Mesmo que você não saiba exatamente o que ele fez, provavelmente está bem ciente das proezas militares dele e de que ele conquistou uma parte considerável da Europa. Certamente, o Império Bizantino ainda mantinha grande parte do Império Romano vivo, mas a porção ocidental do Império estava dividida em tantos pequenos reinos, territórios, terras e ducados que parecia quase impossível que eles voltassem a ser única dobra.

Apesar da tarefa impossível, Carlos Magno conseguiu não apenas controlar a região de seu povo, mas também conquistar áreas circundantes que se tornaram territórios de outras tribos germânicas. Sua capacidade de atrair seguidores e levar seu povo à vitória tornou-se lendária. E, por um breve momento, parecia que ele seria capaz de realizar o que ninguém pensou que seria possível novamente - uma restauração de um império que rivalizaria com o de Roma.

Infelizmente, esse vislumbre de esperança morreu com Carlos Magno. Suas proezas militares e liderança inspiradora não podiam ser comparadas a ninguém que o sucedesse, e o império que ele começara a construir rapidamente desmoronou sem ele.

O mundo em que nasceu um líder

Sem uma cidade forte para manter as terras unidas, a Europa Ocidental tornou-se pouco mais do que um grupo de tribos e estados em guerra (pelo menos à primeira vista). A verdade é que nada mudou muito depois da queda de Roma. Alguns lugares continuaram a usar dinheiro romano, e muitas áreas continuaram a aplicar as mesmas leis; no entanto, eles praticaram suas próprias culturas e celebraram suas próprias versões do cristianismo ou de suas religiões pagãs.

As pessoas que estavam no poder sob o Império Romano do Ocidente viam o colapso do império como a oportunidade necessária para obter o poder que nunca poderiam ter se Roma não tivesse caído. Em vez de tentar encontrar um terreno comum, eles lutaram para colocar as regiões sob seu controle. Outros lugares que faziam parte do império viam como uma chance de voltar ao modo como as coisas costumavam ser, particularmente as tribos germânicas que haviam lutado contra os romanos. Algumas das comunidades conquistadas nunca haviam se acostumado totalmente ao modo de vida romano, e a transição de volta ao modo como as coisas eram era muito mais fácil do que tentar perpetuar uma cultura que eles não queriam controlá-los.

À medida que o antigo Império Romano do Ocidente continuava se fragmentando e se fragmentando em diferentes territórios e reinos, muitas das inovações e progressos feitos pelos romanos começaram a se deteriorar. Muitas das regiões afastadas de Roma não viram muitas mudanças, pois não haviam mudado muito sob o domínio romano, mas quanto mais perto de Roma estava um local, mais elas tinham a perder. Inovações como estradas não eram mais mantidas e, para locais próximos a Roma, os sistemas de irrigação começaram a vacilar e a entrar em colapso. Não havia muitos engenheiros ou mecânicos que pudessem consertá-los porque as pessoas agora estavam focadas em lutar para sobreviver, em vez de preencher seus antigos papéis bem definidos na sociedade. Não ajudou em nada que muitas pessoas instruídas fugissem para Constantinopla, não deixando ninguém para trás com o conhecimento e a experiência necessários para fazer os reparos necessários. Na verdade, essas estruturas tiveram um início de deterioração porque os imperadores posteriores tenderam a ignorar as estradas e os sistemas de água porque eram muito caros para manter. Sem uma fonte central para financiar e monitorar esses avanços, a tecnologia se perdeu por séculos.

A falta de um governo central também significava que os povos germânicos que outrora residiam nos limites do império estavam agora livres para se estabelecer onde quisessem. Eles começaram a se mudar para os territórios sob controle romano durante a Grande Migração, de modo que a tendência simplesmente continuou depois que Roma caiu. O Império Bizantino tentou

restaurar partes do antigo império em si mesmo, mas teve apenas uma vitória marginal sobre as tribos germânicas que continuaram a se mover mais ao sul. Em grande parte, deixaram as tribos germânicas se estabelecerem como desejavam, porque não representavam um grande problema para o Império Bizantino.

Isso foi verdade até meados do século 8, quando um novo líder surgiu.

O nascimento e ascensão de um novo imperador

Carlos Magno não nasceu em uma situação que sugerisse algo sobre como seria seu futuro. Embora seu pai fosse o rei Pepino, o Curto, o trono que se tornaria Carlos Magno, se ele sobrevivesse à idade adulta, não era um reino importante, pois Pepino governava os francos, que viviam no que é hoje a Bélgica. Pepino comemorou o nascimento de Carlos Magno, seu primeiro filho, em 742 dC. Quando Pepino morreu em 768 dC, Carlos Magno tinha 24 anos. Ele e seu irmão, Carloman I, deveriam ter uma regra comum sobre o povo, mas esse plano foi quebrado em 771 dC, quando o irmão de Carlos Magno morreu de repente.

Carlos Magno se interessou pelos militares desde tenra idade e provou ser um especialista em tática e líder. Não demorou muito para aplicar seus conhecimentos e habilidades para expandir o controle franco. Um dos primeiros reinos principais contra os quais Carlos Magno enfrentou foram os saxões. Os saxões, que menosprezavam os cristãos e eram cruéis com os que residiam em seu reino, eram uma ameaça que Christian Carlos Magno simplesmente não podia ignorar. Um ano após a morte de seu irmão, Carlos Magno liderou uma campanha nos territórios saxões. O resultado final foi o controle completo sobre os antigos territórios saxões e a conversão forçada dos saxões à religião que eles tanto odiavam.

Tendo provado sucesso contra um oponente formidável, Carlos Magno parecia sentir-se destinado a empurrar seu controle para outras regiões. Ao sul, ele assumiu o controle da Itália. Em 778 dC, ele liderou um exército na Espanha e começou a expulsar os muçulmanos da Europa. Em doze anos, ele conseguiu unir uma grande parte da Europa sob o domínio franco. Não

havia oponentes que pudessem suportar seus ataques, mas com o tempo, muitos não tiveram nenhum interesse em substituí-lo.

A rebelião romana de 800 dC viu a vida do papa Leão III ser posta em perigo. Sabendo que Carlos Magno era um cristão praticante, o papa solicitou sua ajuda para reprimir a rebelião. O problema começou com a morte do papa Adriano I. Um de seus parentes, Paschal, sentiu que deveria ter se tornado o próximo papa, ignorando o fato de que a posição não é hereditária. Quando alguém foi nomeado para assumir a cabeça da Igreja, ele reuniu pessoas para ajudá-lo a assassinar o novo papa, o Papa Leão III. Paschal e seus seguidores atacaram o novo papa durante uma procissão e espalharam a multidão que havia chegado a interagir com ele. Eles feriram o papa selvagemmente, tentando cortar a língua e esfaquear os olhos. Embora tenha sido gravemente ferido, Leo não foi morto durante essa primeira tentativa, nem foi morto durante uma segunda tentativa pelos cúmplices de Paschal, quando os atacantes perceberam que o papa havia fugido para uma capela e estava muito vivo.

Forçado a deixar a cidade, Leo procurou a ajuda de Carlos Magno para restaurá-lo à sua posição em Roma como chefe da Igreja. Carlos Magno obrigou e acompanhou o papa de volta à cidade. Uma vez que o papa estava dentro dos muros de Roma, os agressores começaram a atacar verbalmente o papa, acusando-o de qualquer coisa que lhe ocorresse. Quando a discussão não deu em nada, Carlos Magno julgou e pediu a morte dos conspiradores. O papa negou essa decisão e, em vez disso, ofereceu misericórdia àqueles que o haviam prejudicado. As pessoas que haviam participado do ataque foram exiladas.

Apesar de anular a decisão de Carlos Magno, o papa ficou agradecido por sua assistência. O que aconteceu depois foi o que levou o Império Bizantino a se interessar mais pelo que estava acontecendo na Europa Ocidental. Pela primeira vez desde a queda de Roma, um imperador foi coroado. O Papa Leão ofereceu o título e uma cerimônia a Carlos Magno como forma de agradecer ao Frank por sua ajuda. Isso foi feito sem consultar ou mesmo informar o imperador bizantino. As ações do papa estabelecem uma precedência incrivelmente perigosa: a capacidade de coroar um novo imperador com base em suas próprias decisões, sem a contribuição de mais ninguém. Esse era um tipo de poder que ninguém na Europa Ocidental

tentara reivindicar antes, e era feito sem base na tradição ou na lei. A Europa Ocidental era composta de muitos tipos de cristãos, e o papa não tinha autoridade sobre muitos deles. No entanto, ele agora estava aparentemente reivindicando o direito de selecionar imperadores sobre regiões que não eram dele, tornando-os agora unidos sob Carlos Magno.

Carlos Magno manteve um forte relacionamento com o papa Leão III, e talvez não seja surpresa que, depois da morte de Carlos Magno, a posição de Leão tenha sido novamente ameaçada. Aqueles que queriam ver o papa removido do poder sabiam que ele não tinha mais nenhuma proteção por causa do vácuo de poder criado pela morte de Carlos Magno. A essa altura, porém, o papa tinha um grupo maior de seguidores e protetores, e quando os conspiradores o atacaram novamente, ele não ofereceu a mesma misericórdia. Em vez disso, ele sentenciou todos aqueles que conspiraram contra ele à morte.

Reformas necessárias para unir o povo

Foi lamentável que o império tentativo que Carlos Magno criou não persistisse além de seu domínio, porque ele promulgou uma série de mudanças que beneficiaram muito as pessoas sob seu controle. Seu reinado é muitas vezes referido como o Renascimento Carolingiano, nomeado após a dinastia que seu pai começou. Todos os sistemas vitais da sociedade foram reformados para funcionar em todas as terras sob seu controle: militares, governo, sistema monetário e religião. Isso deu às pessoas sob ele um motivo para se unir, porque agora havia uma única pessoa no controle e alguém que implementava mudanças que tornavam a vida mais fácil para elas.

Houve também um renascimento literário que se seguiu às obras do Império Romano do século IV. É provável que muitas das inovações arquitetônicas que ocorreram durante a segunda metade da Idade Média tenham sido inspiradas na arte e na arquitetura que começaram sob o domínio de Carlos Magno. Ele também incentivou a leitura e os estudos das escrituras. Infelizmente, esse reavivamento cultural foi limitado às elites que mais se beneficiaram com esse renascimento.

Carlos Magno, no entanto, não era avesso a aprender o que outras culturas tinham a oferecer. Ao se expor a outros povos que viviam ao longo de suas fronteiras, como os lombardos, muçulmanos e anglo-saxões, ele aprendeu com eles. As obras clássicas foram preservadas e copiadas para que não se perdessem no tempo. Muitas dessas obras ainda existem hoje, graças a sua premissa para garantir que elas não desapareçam.

Sua reforma econômica foi a mudança mais prática durante seu reinado. Ele continuou as reformas iniciadas por seu pai e finalmente se livrou do sistema de ouro. Ele optou por trabalhar com o rei Offa, o rei anglo-saxão da Mércia, para estabelecer um sistema baseado em um metal mais comum do que o ouro incrivelmente raro. O novo sistema era o livre carolinienne, baseado em prata.

Suas outras reformas ajudaram a remodelar a Europa Ocidental, trazendo uma visão mais unificada para todos os principais sistemas. Foi como uma reinicialização suave do Império Romano, mas não duraria. Sem Carlos Magno, não havia império. Algumas de suas reformas continuaram, mas outras foram perdidas quando as pessoas começaram a tentar reivindicar poder para si mesmas, em vez de trabalharem juntas para continuar a crescer e prosperar.

Capítulo 8

O Tratado de Verdun e a Dinastia Rurik - Inícios das Nações Modernas

O império de Carlos Magno começou a se dissolver logo após sua morte. Seu filho, Louis, o Piedoso, conseguiu manter o império em funcionamento, mas os problemas que haviam começado durante o reinado de seu pai se agravaram e ele acrescentou alguns novos problemas de sua própria criação. Quando ele decidiu dividir o império em três territórios diferentes para os três filhos remanescentes governarem, era o começo do fim do império unificado de Carlos Magno.

O início da dissolução

Como os lombardos, Louis dividiu seu reino em subdomínios, para que eles fossem mais fáceis de governar. Nos últimos anos do reinado de Carlos Magno, rebeliões e corrupção começaram a aparecer. Carlos Magno até expressou sua decepção com a maneira como as coisas haviam azedado, ao perguntar a seus companheiros mais próximos se o povo era realmente cristão, já que a corrupção e o comportamento do povo não se adequavam às suas idéias de como um povo cristão governado por essa religião deveria agir.

O filho de Carlos Magno, Luís, o Piedoso, tornou-se o governante após sua morte em 778 dC. Louis levou a sério o questionamento de Carlos Magno sobre o povo e concentrou-se em reformar o império para alinhá-lo mais aos valores cristãos, ganhando o nome de Louis, o Piedoso. Ele desenvolveu um plano para a maneira como ele queria que o cristianismo ajudasse a moldar as leis e a cultura das pessoas no império. Apesar dos esforços de algumas pessoas dentro do império que queriam removê-lo, Louis conseguiu manter o império de seu pai praticamente intacto.

Seu maior problema foi tentar decidir seu sucessor. Louis Eu tive três filhos: Pepin, Louis "o alemão" e Lothair. Quando ele teve um quarto filho

em 823 dC com sua segunda esposa, alguns de seus súditos usaram isso para ajudar a incomodar seus três filhos. Seus filhos, alguns conspirando nobres, e o papa Gregório IV atraíram Louis para uma reunião em que tentaram forçar sua abdicação. Com poucas opções, ele concordou e deixou o cargo em 833 dC. Isso provou ter o efeito oposto ao que os conspiradores esperavam, logo ficou claro que o governo de seus três filhos, o papa e os nobres não era uma melhoria. Em 834, o povo não apenas decidiu que seus filhos maltrataram Louis, mas que os filhos e as pessoas que os apoiavam não tinham idéia de como governar seus territórios. As brigas mesquinhas não foram o pior problema, pois a violência em todo o reino aumentou após a abdicação de Louis, e a população começou a exigir que Louis fosse restaurado.

Louis voltou ao poder em março de 834 e puniu aqueles que haviam instigado sua abdicação, embora seus três filhos ainda fossem seus herdeiros designados. No entanto, Louis decidiu dar Aquitânia a seu quarto filho, Charles, após a morte de seu filho mais velho, Pepin, em 838 dC. Lothair recebeu a Itália e, em vez de causar mais problemas a seu pai, Lothair dedicou todas as suas energias para governar seu território. Em 839 dC, Louis realizou algo que Carlos Magno não havia feito - o imperador bizantino Teófilo concedeu-lhe reconhecimento como um grande líder do povo. Ele também elogiou Louis por sua forte defesa do cristianismo, mesmo que as versões ocidental e oriental da religião já estivessem se afastando. Apesar de suas diferenças, os dois homens ainda eram cristãos, e eles perceberam que era mais importante focar nisso do que em suas diferenças. Luís, o Piedoso, morreu no ano seguinte, em junho de 840 dC.

Em vez de selecionar uma única pessoa para herdar e governar o império, Louis optou por dividi-lo. Embora isso estivesse mais alinhado com as tradições francas, a decisão de Carlos Magno de manter o império unido provou ser uma escolha mais estabilizadora. A decisão de Louis de dividir a nação provou ser muito mais prejudicial à unidade geral das terras. Os filhos já haviam provado que não podiam trabalhar juntos para governar quando forçaram o pai a abdicar. Uma vez que Louis não era mais um fator unificador, as disputas que marcaram o tempo anterior de seus filhos como líderes foram amplificadas.

Guerra aberta e uma tentativa de resolver sua herança

O filho mais novo de Louis I, Charles, herdou a Aquitânia, algo que Louis, o alemão, tentou bloquear quando a decisão foi proferida originalmente. Este era o território de seu irmão Pepin antes de sua morte, e Louis, o alemão, queria ganhar parte (se não todo) do território após a morte de Pepin. Suas tentativas de mudar a mente de Louis I falharam, e Charles foi feito o futuro líder da Aquitânia. Luís, o alemão, não estava satisfeito com seu domínio sobre o território da Baviera, mas não havia muito que ele pudesse fazer enquanto seu pai ainda estava vivo.

Apesar de suas tentativas anteriores de impedir que Charles ganhasse seu próprio território, Louis, o alemão, escolheu ficar do lado dele após a morte de seu pai. A decisão foi necessária porque, depois que o pai se foi, Lothair decidiu que queria recuperar o poder que seria dele se ele e seus irmãos não tivessem forçado a abdicação de Louis. Não querendo desistir de sua herança, Louis e Charles lideraram uma guerra civil contra seu irmão, que começou pouco depois da morte de Louis I. Esta sangrenta guerra civil durou até 843 dC. Depois que Louis e Charles derrotaram Lothair em Fontenay em 841, eles o forçaram a fugir para Aix-la-Chapelle. Sabendo que não poderia vencer, Lothair buscou a paz.

O Tratado de Verdun foi assinado em 843 e resultou em Lothair mantendo seu título de imperador, mas ele não tinha controle sobre as ações de seus irmãos como líderes de suas próprias terras. Charles foi designado governante da região oeste, em uma área que hoje inclui a França. Lothair manteve a região central do império, e ele foi capaz de avançar no trabalho que havia feito na Itália enquanto seu pai ainda estava vivo. Luís tomou a porção oriental do império.

Carlos parecia ter tido a posição mais precária porque os vikings estavam localizados em seus territórios, e eles estavam constantemente travando batalhas e arrasando cidades. No entanto, ele foi capaz de manter seu reino intacto e transmiti-lo ao filho após sua morte.

Luís, o alemão, decidiu dividir ainda mais suas terras em vez de escolher um único sucessor. A divisão de um terço do reino degradou ainda mais a unidade que Carlos Magno procurara.

A região de Lothair parecia ser a menos estável por causa de conflitos internos. Ele também dividiu seu reino entre seus filhos, e eles provaram ser tão contenciosos quanto Lothair e seus irmãos. Sua constante luta um contra o outro levou a essa porção do império se arruinar.

Por fim, a divisão do império em terços ocorreu de uma maneira que ajudou a moldar a Europa atual. A região que caiu para Charles tornou-se o país que agora conhecemos como França, enquanto o reino de Louis se tornou o Sacro Império Romano e, eventualmente, a Alemanha. Parte desse território incluía a região que estava sob o controle de Lothair. No entanto, a parte do reino de Lothair acabou evoluindo para a Itália. O Império Bizantino ainda controlava a parte sul da Itália de hoje naquele momento, e eles mantiveram esse controle por mais algum tempo.

A dinastia Rurik

Enquanto os francos e as tribos germânicas brigavam pelos territórios na maior parte das regiões sul e centro da Europa, eles deixaram amplamente a região norte. No entanto, alguns não foram tão dissuadidos de tentar ocupar a região, apesar de parecer frio e desolado. O chefe varangiano Rurik foi um dos poucos que viu o potencial da região amplamente ignorada no norte.

Pouco se sabe sobre Rurik porque a história não foi escrita e, com o tempo, tornou-se impossível dizer o que é mito e o que é fato. É possível que ele fosse de um dos assentamentos vikings e que ele optou por ir para o norte porque não era tão prejudicial para o seu povo quanto para o povo da metade inferior do continente. Isso é apenas especulação, pois não há registros de sua linhagem ou história.

Segundo as lendas da fundação da Rússia moderna, Rurik levou seu povo para o norte, em Ladoga, em 862 dC. Rurik e sua tribo começaram a construir um assentamento que os protegeria durante os invernos rigorosos. O assentamento de Holmgard foi construído ao longo dos próximos anos. Com base em descobertas arqueológicas, é provável que este primeiro assentamento tenha sido ao sul da cidade de Novgorod. Embora Rurik seja o mais notável da dinastia, seus dois irmãos também são lembrados como os fundadores da dinastia, muitas vezes chamados de dinastia Rus. Segundo a lenda, Rurik morreu em 879 e foi sucedido por Oleg, um parente. Sob Oleg, o território russo se expandiu para o sul. Oleg atacou os khazares em

Kiev e foi vitorioso. Kiev era mais desenvolvida do que o começo humilde do território russo, então Oleg decidiu que se tornaria uma segunda capital. No futuro, o herdeiro aparente da dinastia controlaria o assentamento original, que se desenvolveria na cidade de Novgorod, mas residiria em Kyev. Durante o século seguinte, a dinastia absorveu muitas das tribos vizinhas. As diferentes culturas e ideologias ajudaram a perpetuar divisões e fraturas, mas a dinastia russa continuou a crescer ao longo dos anos, tornando-se a Rússia moderna.

OceanofPDF.com

Capítulo 9

Alfredo, o Grande

Assim como muitos dos homens que subiram ao poder durante o início da Idade Média, Alfred, o Grande, rei de Wessex (no que é hoje a Grã-Bretanha), não parecia um provável candidato ao trono. Como o quinto filho do rei Æthelwulf dos saxões ocidentais, ele dificilmente foi uma das primeiras escolhas a se tornar rei. Seu próprio desinteresse parecia mais do que suficiente para impedi-lo de subir à posição de liderança mais alta da ilha que um dia se tornaria a Grã-Bretanha.

Talvez tenha sido esse desinteresse que o tornou um grande líder. Ao contrário de muitos dos outros filhos de Æthelwulf que eram governantes fracos ou ineficazes - ou pior, ativamente destrutivos - Alfred aceitou a regra que ele não queria e depois se destacou em fazer seu trabalho. Como um dos primeiros governantes notáveis da ilha, Alfredo, o Grande, conseguiu proteger seu reino de invasões repetidas e também reformar muitos sistemas estabelecidos para ser mais eficiente. Seu reinado deixou uma marca indelével na ilha que um dia formaria um dos maiores impérios do mundo.

Seu início de vida e ascensão ao poder

O início da vida de Alfred era bastante típico para alguém nascido na classe alta da ilha. Nascido entre 847 e 849 dC, ele foi o quinto filho de Æthelwulf, do oeste da Saxônia. Seu interesse estava na educação, principalmente na literatura, mas é provável que sua única educação inicial fosse nas forças armadas. Como filho de um rei, a estratégia militar certamente era algo que ele deveria saber, mesmo que não fosse considerado um candidato ao trono. Em 868, ele estava em serviço ativo nas forças armadas e juntou-se ao rei Æthelred I (seu irmão) na assistência ao rei Burgred de Mércia (outro pequeno reino da ilha). Os dinamarqueses

(hoje mais conhecidos como vikings hoje) haviam chegado a East Anglia por volta de 865 e, em 867, haviam assumido o controle da Nortúmbria. No entanto, os dinamarqueses se recusaram a lutar e uma paz foi negociada. Em 871, os dinamarqueses novamente começaram a expandir seu domínio sobre a ilha, atacando Wessex. Alfred se juntou novamente ao irmão e eles se envolveram em várias batalhas contra as forças dinamarquesas. Quando Æthelred morreu no mesmo ano, Alfred foi o próximo na fila do trono. No entanto, ele não obteve sucesso em sua primeira batalha contra os dinamarqueses como o novo rei. A paz que se seguiu à Batalha de Wilton deu aos invasores dinamarqueses tempo para fazer uma pausa e considerar suas opções. Embora não tenham fracassado na batalha, as forças da Saxônia Ocidental provaram oferecer mais resistência do que os dinamarqueses provavelmente haviam previsto. Pelos cinco anos seguintes, os dinamarqueses impediram de iniciar mais batalhas contra o novo rei.

Reinício das hostilidades

Em 876, os dinamarqueses estavam prontos para retomar seu ataque à região sudoeste da Inglaterra moderna. Seus ataques começaram em 876, mas eles se afastaram por um tempo em 877, porque haviam conseguido muito pouco com suas escaramuças. Talvez os cinco anos em que se abstiveram de atacar Alfred e seus militares os tenham subestimado. Ou talvez durante esse tempo Alfred tenha passado mais tempo assegurando que seus militares estavam prontos para a batalha. Como os dinamarqueses haviam sido tão problemáticos ao longo de toda a sua vida, há poucas dúvidas de que Alfred sabia que eles tentariam novamente se expandir para o seu reino.

Uma terceira explicação poderia ser que os dinamarqueses queriam ganhar o elemento surpresa. O ano 878 mal começou quando eles atacaram novamente Wessex. Durante esse impulso inicial, eles foram capazes de assumir o controle de Chippenham, resultando na maioria das forças de Alfred cedendo. Dizia-se que todos os saxões ocidentais se submeteram aos dinamarqueses, com exceção de seu rei. Ao longo das próximas semanas, Alfred lembrou aos dinamarqueses sua presença através da guerra de guerrilhas. Enquanto perseguia os dinamarqueses com seus ataques

aleatórios, Alfred também conseguiu reunir homens suficientes para ter um novo exército para apoiá-lo menos de dois meses após a Páscoa. Com seus homens, o rei Alfred derrotou os dinamarqueses na batalha de Edington. Após sua rendição, o rei dinamarquês Guthrum concordou em ser batizado na religião cristã.

Após essa última derrota, Alfredo ficou livre para controlar os outros aspectos de seu reino até 885, quando os dinamarqueses anglos do leste começaram a atacar seu reino. Demorou um ano, mas em 886, Alfred foi capaz de mudar a maré e entrar em ofensiva contra essa nova ameaça. Quando ele conseguiu tomar Londres, todo o povo britânico que não residia em terras dinamarquesas da cidade escolheu reconhecer Alfred como seu legítimo rei. Alfred pode não ter continuado pressionando os dinamarqueses, mas seu filho, Edward, o Velho, foi capaz de usar a influência que Alfred ganhou ao levar Londres para avançar mais nos territórios dinamarqueses depois que ele se tornou rei.

Uma das principais razões pelas quais Alfred não continuou a expandir seu reino pela parte sul da ilha foi porque os dinamarqueses começaram a planejar novas invasões da ilha a partir do continente. Essa nova rodada de invasões durou de 892 a 896, e Alfred provou, mais uma vez, que seus sucessos na guerra não foram um acaso. Sua capacidade de assumir posições defensivas tornou incrivelmente difícil para os dinamarqueses ganharem um novo terreno. Sempre que Alfred dispunha de recursos disponíveis, ele fortalecia estruturas antigas (principalmente fortes) e construía novas em áreas mais estratégicas. Ele garantiu que seus postos defensivos fossem perpetuamente ocupados, deixando poucas chances de os dinamarqueses lançarem um ataque surpresa bem-sucedido. Alfred começou a construir seus próprios navios em 875, então quando novas ondas de invasores chegaram, ele foi capaz de encontrá-los e levá-los de volta.

Uma defesa segura não era sua única força militar. Alfred entendeu que precisava dos outros povos da ilha e manteve um relacionamento positivo com os governantes da Mércia e do País de Gales. Quando eles precisaram de assistência, ele lhes deu apoio, e eles retribuíram.

Além das guerras

É fácil se concentrar no que Alfred alcançou como militar, mas seus pontos fortes foram muito além de apenas lutar. Como seu interesse estava mais na educação e literatura tradicionais, ele aprendeu a governar com base no que outros grandes governantes haviam feito. Ele usou o exemplo de governantes como Carlos Magno para reestruturar os diferentes sistemas no reino, como os sistemas financeiro e judiciário, tornando-os mais eficientes.

Ele também tinha a intenção de garantir que os que estavam no poder não explorassem ou oprimissem as pessoas fracas ou de classe baixa de seu reino. A prática de brigar era restrita (não podia ser totalmente proibida, pois fazia parte da cultura, mas ele procurava minimizar o derramamento de sangue que saía da prática).

No entanto, foi sua reverência por aprender que realmente separou Alfred de outros líderes. Ele acreditava que os ataques vikings eram um sinal do deus cristão de que as pessoas precisavam se arrepender por seus pecados. Enquanto eles pecassem, os vikings continuariam atacando. Durante o período de paz entre 878 e 885, ele reuniu estudiosos na corte para que eles pudessem transmitir mais conhecimento e instruir a ele e a outros em latim. No entanto, ele incentivou todos os tipos de aprendizado; ele sabia que se as pessoas entendessem os diferentes sistemas e pontos de vista que os outros tinham, seria muito menos provável que as pessoas brigassem entre si. Ele exigia que todos os homens livres que tivessem tempo de aprender a ler inglês, pudessem ler livros que lhes dessem conhecimento útil e religioso.

Embora ele fosse um líder militar muito capaz, foram as mudanças que ele fez no próprio império, mantendo seu povo a salvo de ataques repetidos, que deram a Alfred o epíteto "o Grande". Mais do que apenas um estrategista militar experiente, Alfred era humanitário e procurou melhorar a vida das pessoas em toda a Inglaterra. Ele seria lembrado por séculos como o rei ideal.

Capítulo 10

Otto I e a fundação de uma federação frouxa

A morte de Carlos Magno resultou na Europa Ocidental novamente sendo mergulhada em regiões divididas. No entanto, seu reinado não foi o único momento em que a Europa Ocidental se uniu. Carlos Magno pode ser o exemplo mais famoso, mas o imperador Otto I ganhou a mesma quantidade de prestígio e unidade em toda a Europa. Ao contrário de Carlos Magno, Otto I conseguiu estabelecer um império mais permanente - ficou conhecido como o Sacro Império Romano. Alguns historiadores citam Carlos Magno como a fonte do império, mas houve uma ruptura definitiva nos territórios após sua morte. O que Otto eu estabeleci durou várias centenas de anos, bem no início da era moderna. O sucesso de Otto I pode ser atribuído a seus motivos mais egoístas em estabelecer seu império. Seus começos foram muito mais humildes que os de Carlos Magno, e ele teve que lutar para alcançar a posição de rei. Carlos Magno era um homem religioso; Otto não era particularmente religioso. Havia várias diferenças entre eles, mas, no final das contas, ambos eram líderes fortes que foram capazes de comandar um exército e unir muitas das terras que uma vez fizeram parte do Império Romano do Ocidente.

Da quase obscuridade ao controle completo

Nascido em um dos duques saxões, Otto era uma das muitas pessoas que poderiam se tornar rei. Não era uma posição que ele garantisse ganhar, principalmente porque os saxões selecionariam um rei (não era hereditário) após a morte do rei atual. Quando ele nasceu em 912 dC, ele era o segundo filho de um duque. Muitos de seus primeiros anos são completamente desconhecidos porque sua posição era pequena demais para ser rastreada.

Durante a adolescência, Otto demonstrou sua habilidade natural nas forças armadas. Especula-se que ele tenha se envolvido inicialmente nas campanhas de seu pai, o rei Henrique the Fowler, contra tribos germânicas

vizinhas. Aos dezoito anos, Otto casou-se com Eadgyth, uma senhora inglesa de uma família nobre. Juntos, eles tiveram uma filha e um filho.

Tendo visto a capacidade de liderança de seu filho, o duque nomeou seu filho para ser seu sucessor. Enquanto ele seguia o título de rei Henrique, o pai de Otto governava uma pequena parte dos territórios saxões, não o povo inteiro. Quando Henrique morreu em 936, os saxões tiveram que aprovar a escolha do falecido rei para elevar seu segundo filho à posição mais alta que eles poderiam oferecer. Eles concordaram que Otto era uma boa escolha e ele foi eleito no mesmo ano. Sua coroação ocorreu em Colônia, em Aachen. Esse local pode ter sido escolhido porque se dizia ter sido a residência de Carlos Magno, mesmo depois que ele foi coroado imperador na Itália.

Otto imediatamente foi pressionado a exibir suas proezas militares, enquanto seus vizinhos testavam suas habilidades para ver se eles poderiam dominar seu território. A disputa e a luta teriam sido prejudiciais para um líder menos capaz, mas Otto estava preparado para travar guerras em seus primeiros anos, e foi essa demonstração precoce de suas habilidades que garantiu ao seu povo que ele era a escolha certa. O maior teste ao seu poder realmente veio de dentro de sua própria família. Seu irmão mais velho e outros membros da família não ficaram satisfeitos porque foram negligenciados pela posição de rei e conspiraram contra Otto nos próximos anos.

Otto foi tão eficaz contra sua família quanto contra pessoas de fora que questionaram sua autoridade. Seu pai era aceitável como líder, mas ele nunca controlou totalmente seu povo ou os outros duques de seu domínio. Otto não teve o mesmo problema. Assim que assumiu o papel de rei, ele começou a consolidar o poder, removendo o poder de quem gozavam os duques que tanto irritava seu pai. Esse movimento acabou beneficiando Otto, mas, no começo, os duques lutaram contra a perda de poder que desfrutavam por tanto tempo.

Um ano após sua coroação (937 dC), o meio-irmão de Otto, Thankmar, formou uma aliança com alguns dos outros duques que estavam insatisfeitos com o que Otto estava fazendo. A tentativa deles de removê-lo terminou em uma perda abismal. Thankmar foi morto durante a batalha. Um dos duques que o apoiara foi deposto e o segundo, o duque Eberhard,

da Francônia, afirmou se submeter à autoridade de Otto. Ele logo provou que estava mentindo quando o irmão mais novo de Otto, Henry, seguiu o mesmo caminho que Thankmar.

A revolta seguinte ocorreu dois anos depois, em 939 dC. Ao contrário de Thankmar, Henrique procurou ajuda adicional de fontes externas e ganhou o apoio do rei da França, Luís IV. Os dois duques que ficaram do lado de Henry, o duque Eberhard e o duque Gilbert de Lotharingia, morreram. Otto foi então confrontado com o julgamento de seu irmão mais novo. No que pode parecer uma fraqueza, ele optou por perdoar Henry em vez de executá-lo. Henry foi autorizado a ficar ao lado de Otto.

Como recompensa por isso, Henry liderou uma nova rebelião contra seu irmão porque estava convencido de que seria um governante melhor do que Otto. Em vez de tentar outra batalha, ele coordenou com outros conspiradores o assassinato de Otto. Infelizmente para Henry, Otto soube o que estava planejando e, em 941, todos os que conspiraram com Henry foram executados. Por duas vezes Henry tentou remover Otto do poder, e duas vezes todos os que conspiraram com ele foram mortos. No entanto, Otto, mais uma vez, perdoou seu irmão.

E desta vez ele estava certo em fazê-lo.

Nos anos que se seguiram à segunda tentativa de conquistar a coroa de Otto, Henry se tornou um de seus mais leais apoiadores. Sua lealdade ao irmão mais velho não vacilou novamente. Provavelmente ajudou Otto a dar mais terras a Henry; mesmo enquanto seu irmão e os duques conspiravam contra ele, Otto continuou a expandir seu alcance. Esses novos territórios foram divididos entre outros membros da família de Otto, mostrando o quanto ele os favorecia e valorizava.

O primeiro grupo que ele conseguiu derrotar foram os eslavos que residiam a leste do reino de Otto. Durante 950, Otto derrotou um de seus principais rivais, o príncipe Boleslav I da Boêmia. A vida do príncipe foi poupada, mas ele teve que concordar em prestar homenagem a Otto no futuro. Em seguida, Otto voltou sua atenção para a região problemática que um dia seria a França. As pessoas a oeste estavam constantemente atacando as fronteiras de Otto porque acreditavam que Lotharingia (Lorena) era deles.

Suas reivindicações não significaram nada, pois não foram capazes de tomar o território de Otto.

Em 951, Otto começou a considerar uma campanha para conquistar o lugar onde o Império Romano havia começado. Ele marchou com seus homens para o norte da Itália, em uma tentativa de tomar as terras que uma vez fizeram parte do Reino da Lombardia. Ele recebeu justificativa quando Adelaide (a viúva do rei nominal da Itália) solicitou sua ajuda. O rei Lothair II havia morrido, e o povo da Itália não a apoiou para desempenhar seu papel. O rei Berengar II (o atual rei da Itália e possível assassino do rei Lothair) a prendera e a estava segurando para tentar obter controle sobre as terras do marido. Otto marchou em seu auxílio, provavelmente com a intenção de se casar com ela. Sua esposa morreu seis anos antes, tornando possível uma aliança através do casamento. Se Adelaide concordasse com o casamento, ela teria novamente a estabilidade perdida pela morte de seu marido, e Otto expandiria seu domínio ainda mais, sem ter que recorrer a uma guerra total, que geraria ressentimento entre o povo italiano. Otto agora tinha a chance de ser um herói que seria bem-vindo por ter salvado Adelaide e dado ao seu povo um forte líder. Ele resgatou e se casou com a viúva. O título de rei da Itália foi anexado aos muitos títulos que conquistara desde que subira ao poder.

Havia mais um problema interno que ele tinha que enfrentar, e esse era seu filho. Agora adulto, Liudolf procurava ganhar poder em seu próprio nome. Ao trabalhar com outras figuras germânicas, Liudolf se rebelou contra seu pai em casa. Pela primeira vez em sua vida, Otto estava agora enfrentando um membro da família que representava uma ameaça real ao seu trono. Tanto o meio-irmão quanto o irmão eram lutadores inferiores, mas Liudolf aprendeu com o próprio Otto, tornando-o um oponente muito mais formidável. No entanto, Otto estava bem ciente de um problema que seu filho deixou de considerar durante sua revolta. Embora Otto não pudesse enfrentar com sucesso seu filho em casa, ele podia simplesmente esperar que os magiares atacassem seu reino, um povo que alguns historiadores acreditam ter descido das infames hordas de Átila. Eles estavam inquietos, e Otto sabia que eles representariam um problema para a Saxônia; tudo o que ele precisava fazer era deixar seu filho lidar com a ameaça. Em 954, os magiares invadiram a região onde Liudolf e seus apoiadores estavam

hospedados. Incapaz de enfrentar os magiares e seu pai, Liudolf foi forçado a se submeter ao pai em 955. Novamente no controle total de sua casa, Otto rapidamente defendeu suas terras dos magiares durante a Batalha de Lechfeld. A derrota foi tão destrutiva para os magiares que eles evitaram as regiões germânicas no futuro.

Voltando sua atenção para o futuro

A liderança natural e as habilidades militares de Otto lhe deram uma vantagem que ninguém desfrutava desde Carlos Magno. Ao contrário do lendário homem, Otto enfrentou conflitos externos e internos durante toda a sua vida, e ele sempre teve sucesso. Apesar de não ser um homem religioso, Otto mostrou um tipo de misericórdia (embora ele parecesse estendê-la principalmente aos membros de sua família) que não era óbvio sob Carlos Magno. Talvez por isso, ele foi capaz de criar uma unidade capaz de continuar mesmo depois de sua morte.

Tendo visto outros impérios e reinos desmoronarem (e tendo sido a pessoa que provocou o fim de alguns deles), Otto sabia que precisava estabelecer uma sucessão que seria capaz de manter intacto o trabalho após sua morte. Em 961, ele escolheu o filho que teve com Adelaide para ser seu sucessor. Esse filho também se chamava Otto e, quando seu pai decidiu que ele seria o próximo a governar o reino, ele tinha apenas seis anos de idade. Para garantir que ninguém questionasse sua decisão, Otto realizou eleições para legitimar sua escolha. Quando o filho escolhido foi eleito sucessor, o ancião Otto o coroou para ser um governante conjunto.

Satisfeito que seu legado continuaria e que seu filho aprenderia a governar trabalhando lado a lado com ele, Otto retornou à Itália para enfrentar a última rodada de problemas que o rei Berengar II havia levantado contra o papa. Quando ele mitigou com sucesso os problemas em 962, o Papa João XII seguiu o precedente estabelecido pelo Papa Leão III e coroou o Imperador Otto do Sacro Império Romano. Para combater qualquer crítica, o papa publicou o Privilegium Ottonianum, que ditava a relação que existiria entre o novo imperador e o papa. Um ano depois, o papa João XII trabalhou com o rei Berengar II para tentar remover Otto do cargo que o papa acabara de lhe conceder. Irritado com isso, Otto derrotou Berengar em

mais uma batalha. Uma vez resolvido esse problema, Otto I voltou sua atenção para o papa. Como ele não era um homem religioso, Otto não tinha o mesmo respeito ou reverência pela posição que Carlos Magno havia ocupado por ela. Otto removeu o papa de sua posição e selecionou o próprio papa. Sua escolha se tornou o papa Leão VIII. Ele não permaneceu o papa por muito tempo, morrendo em 965. Otto novamente escolheu um novo papa, desta vez João XIII, uma figura que já era amplamente detestada entre os líderes da Igreja. A revolta contra a escolha de Otto foi quase imediata e ele foi novamente forçado a voltar à Itália para reprimir outra revolta.

Como a Itália havia provado repetidamente ser um lugar problemático, Otto I decidiu permanecer lá por vários anos para garantir que nenhum novo problema surgisse. Sua ausência tornara as pessoas mais propensas a se rebelarem, então ele estava removendo essa tentação por estar fisicamente presente e governando suas outras terras da Itália. Vendo uma oportunidade de expandir ainda mais seu domínio, ele viajou para lugares que estavam sob o domínio do Império Bizantino, embora não tenha tido sucesso em se expandir para o leste.

Percebendo que ele precisava se concentrar no futuro das terras que ele já possuía, Otto I trabalhou para garantir a liderança de seu filho. Um casamento com Theophanu (a sobrinha ou a filha do imperador do Império Bizantino) foi arranjado em 972. Em vez de derrotar o Império Bizantino através da luta, Otto queria que seu filho se casasse com sua família, solidificando uma aliança mais estável que ele esperava que ajudasse seu filho a manter sua posição. No ano seguinte, 973 dC, Otto I morreu.

Um legado inesperado

As habilidades de Otto I como líder e estrategista militar são inegáveis, mas não foram seus únicos pontos fortes. Sob seu governo, as terras experimentaram um segundo renascimento. Sua falta de espiritualidade não significava que ele não entendia o valor das pessoas que dedicaram suas vidas à Igreja. Ao nomear pessoas que realmente cuidavam de suas

comunidades para posições de poder, ele forneceu às pessoas de todo o seu império o apoio que elas não tinham desde Carlos Magno. Suas culturas começaram a prosperar, e a arquitetura começou a evoluir para o que se tornou a aparência de assinatura da Idade Média. O progresso durante a segunda metade da Idade Média pode ser atribuído em grande parte ao trabalho realizado sob Otto I. Ao remover as constantes disputas mesquinhas, escaramuças e batalhas que atormentavam várias regiões, os povos sob seu domínio agora podiam encontrar estabilidade suficiente para focar em educação, cultura e literatura.

O reino de Otto I não era tão grande quanto o que Carlos Magno adquiriu, mas durou muito mais tempo após sua morte. Alguns historiadores creditam Carlos Magno como o primeiro Sacro Imperador Romano, mas esse é um argumento difícil de argumentar, já que a unidade sob seu governo não durou além de sua morte. Otto I garantiu que seu legado não fosse apagado quando ele morresse, e seu filho passou a governar as terras que Otto eu havia conquistado. O Sacro Império Romano certamente mudaria e mudaria ao longo do tempo, e nunca seria uma nação coesa, como França, Espanha ou Inglaterra. Era mais uma federação frouxa, com diferentes líderes disputando o poder, mas eles mantiveram uma cultura e identidade semelhantes até o início da era moderna. O que surgiu ao longo dos anos foi muito mais parecido com o que Otto eu havia estabelecido do que a unidade mais sólida que Carlos Magno procurara.

Capítulo 11

O Reino de Veneza

Veneza ganhou destaque durante a primeira metade da Idade Média e permaneceu uma cidade importante até o início da era moderna. Durante a maior parte do reinado do Império Romano e imediatamente após a queda de Roma, a região da Veneza moderna era em grande parte uma comunidade de pescadores e trabalhadores do sal. Após a invasão dos lombardos no norte da Itália, houve uma migração de italianos para o sul, e muitos deles se estabeleceram nessa região.

Por vários séculos, a região passou de um lado para o outro entre ser controlada pelo Império Bizantino e qualquer grupo que estivesse no controle das terras que hoje são a Itália. Na época das cruzadas, eles haviam se tornado um poder formidável por si só. Às vezes, o povo, mais especificamente o poder de Veneza, causava problemas para o papa e os cardeais em Roma.

Veneti

Antes da queda de Roma, um povo celta vivia ao longo da costa do nordeste da Itália e gozava da proteção de Roma como seus cidadãos. No entanto, a invasão dos hunos levou o povo ao pânico. Na esperança de escapar dos horrores deixados pelos Huns, o povo celta fugiu para a lagoa e se estabeleceu nas ilhas. Sem Roma, eles foram forçados a desenvolver sua própria federação, garantindo que eles se protegessem. Desde que se estabeleceram nas ilhas, o povo ficou mais isolado e menos tentador com o fluxo constante de pessoas que tentavam recolher restos de territórios após a queda de Roma.

Com a chegada dos lombardos na Itália, as ilhas descobriram que sua população começou a aumentar significativamente. Os italianos no continente tentavam escapar dos lombardos que facilmente dominavam o

norte da Itália. Pelos duzentos anos seguintes, o povo estava sob o controle do Império Bizantino.

Buscando independência e estabelecendo um novo governo

Em 726 dC, Veneza começou a se afastar do império e a estabelecer um pouco de independência. Para estabelecer seu próprio governo, eles elegeram um doge (duque) chamado Orso Ipato. Ele fez uma declaração anti-bizantina, conquistando o respeito e reverência do povo. Enquanto ele era capaz de governar, não havia uma linha de sucessão estabelecida ou qualquer método para eleger novos funcionários. Como resultado, o Império Bizantino montou seus próprios oficiais novamente quando ele se foi.

Esse estado de coisas durou até o início dos anos 750, quando o Exarcado de Ravena terminou. O Império Bizantino parou de lutar contra os lombardos, perdendo alguns de seus territórios. A maior parte do resto do século foi passada no caos político, enquanto as pessoas em posições poderosas em Veneza alternavam entre querer fazer parte do império e querer ser independente. Outras potências das regiões vizinhas também começaram a considerar Veneza como estando em uma posição potencialmente útil, principalmente a Igreja.

Em uma tentativa de acabar com as oscilações perpétuas no poder, Doge Obelerio aliou-se aos francos. Trabalhando com o irmão, Doge Obelerio trabalhou para estabelecer um pouco de controle para si, o que eles pensavam que seria mais fácil de conseguir sob os francos. Eles se aliaram ao rei Pepin (o primeiro filho de Luís I) e queriam finalmente livrar Veneza da influência bizantina.

Isso obviamente aborreceu as famílias poderosas que não queriam ver o ducado removido do império. Para resolver esse problema, a família Parteciaco perdeu seu assento no governo e foi transferida para as Ilhas Rialto.

Quando os francos e o Império Bizantino finalmente concordaram com o tratado franco-bizantino em 814, a maioria dos problemas de Veneza foi

resolvida. O tratado assegurou ao ducado que eles teriam sua própria independência política e jurídica. Essa garantia era mais do que eles haviam conseguido anteriormente do império, mas não os removeu de seu controle. Aproximadamente 25 anos depois, o doge havia acumulado poder suficiente para poder fazer acordos com potências externas sem exigir consentimento ou permissão do Império Bizantino.

Nesse ponto, o pequeno Ducado de Veneza estava em uma posição única. Eles atravessaram os dois mundos do Império Bizantino e as potências em constante mudança na Europa Ocidental. Isso os tornou um local privilegiado para comerciantes e comerciantes viverem e conduzirem seus negócios. Residindo em uma área de fácil acesso a partir do Mediterrâneo, Veneza era um lugar lógico para o transporte. Como tinham autonomia suficiente para tomar decisões, poderiam ser usados para contornar restrições impostas às várias potências continentais. Com o tempo, Veneza se tornou um poder altamente influente e algumas pessoas se tornaram muito ricas.

O povo de Veneza percebeu que o doge exigia alguma supervisão e equilíbrio governamental para impedir que o ducado se tornasse seu próprio pequeno reino. Uma classe dominante desenvolveu-se naturalmente a partir do fluxo constante de comércio e riqueza que se espalhou por todo o ducado, controlando o poder do doge. Com o tempo, a população começou a desenvolver suas próprias culturas e um senso de consciência regional mais alinhado com uma nação do que com um ducado. O século IX viu o ducado se tornar mais democrático quando o doge foi novamente eleito para a posição em vez de ser uma posição hereditária.

Essa história singular ajudou a criar um povo menos apegado ao papa e mais capaz de negociar em seus próprios interesses. O ducado aprendeu a ser inteligente e manipulador das potências externas, e Veneza acabou se tornando rival de Roma em termos do poder que possuía. Às vezes, o Ducado de Veneza até manipulava os decretos de vários papas para seu próprio ganho. Talvez o mais sério deles tenha sido quando o povo de Veneza assumiu essencialmente o controle de uma das cruzadas posteriores. Em vez de seguir para as terras muçulmanas como planejavam, os venezianos levaram os cruzados para Constantinopla e saquearam a cidade. Esse foi o começo do fim do Império Bizantino, e foi possível devido à

força do ducado de Veneza. Foi essa posição única de não pertencer a lugar algum que deu a esse pequeno assentamento a chance de se tornar uma cidade que foi uma das mais influentes da Europa Ocidental por várias décadas.

OceanofPDF.com

Capítulo 12

Os Vikings

Entre todos os povos mais famosos (ou talvez infames) do início da Idade Média, os vikings se destacam como um dos mais bárbaros e misteriosos. As pessoas tendem a pensar que sabem o suficiente sobre os vikings, mas assim que você começa a investigar sua história, conhecimento e sistemas, é quase impossível não se perder enquanto se aprofunda cada vez mais para aprender mais. Eles eram um grupo muito mais complexo e diverso do que a maioria das pessoas imagina.

Além de ser um inimigo perigoso, os vikings eram curiosos exploradores que conseguiram fazer algo que ninguém mais na Europa conseguiu até o início da era moderna: os vikings alcançaram o que um dia seria conhecido como América do Norte. Eles não apenas chegaram à América do Norte, mas também não tentaram conquistá-la ou explorá-la. O comportamento deles em relação aos povos nativos era significativamente diferente daquele dos futuros exploradores de outras partes da Europa.

O início de um tempo mítico - a era viking

Os lendários combatentes dinamarqueses que hoje chamamos de vikings eram únicos em muitos aspectos, comparados aos grupos de pessoas ao seu redor. Os líderes das terras e reinos vizinhos atacaram-se em grande parte por território, tentando obter mais poder retirando partes da Europa continental. Os vikings eram notoriamente um povo marítimo cuja ferocidade e curiosidade os levavam para longe de casa e para longe de suas casas na Dinamarca, Noruega e Suécia, onde originalmente moravam.

Uma das razões pelas quais eles são tão conhecidos (ou pelo menos por que seu nome ainda é conhecido por quase todos na civilização ocidental) é porque eles eram guerreiros ferozes. Por mais de três séculos (8 a 11), os vikings atacaram seus vizinhos e navegaram pelo canal para o que hoje é a Inglaterra para invadir e saquear constantemente e levar esses bens

roubados de volta para suas casas. Eles viajaram para longe de casa, tanto para o leste quanto para o oeste, e deixaram restos de seus assentamentos na Rússia e no norte do Canadá.

Quando os vikings estavam atacando, as pessoas sabiam disso. Os vikings eram muito parecidos com dragões fictícios que adornavam os arcos de seus navios - era possível vê-los muito longe, e muitas vezes havia muito pouco que alguém pudesse fazer para detê-los. Eles eram uma força que se mostrou difícil de reprimir e, na maioria das vezes, foram vitoriosos em seus ataques.

O período entre os séculos VIII e XI é chamado de Era Viking por muitos historiadores por causa de seu domínio. O primeiro ataque conhecido ocorreu em 793 na ilha de Lindisfarne, na costa nordeste da Inglaterra. Esta era a localização de um mosteiro, e os vikings eram tão impiedosos em relação a este rico mosteiro quanto em qualquer outro lugar que atacassem. Isso mostrou que eles estavam entre as poucas tribos que não se preocupavam com a santidade da religião cristã e estavam tão dispostos a saquear os edifícios religiosos quanto as cidades e vilarejos que atacaram. Os cristãos tendiam a acumular a maior parte de sua riqueza em seus estabelecimentos religiosos e contavam com o fato de serem lugares religiosos para protegê-los, tornando-os alvos fáceis e lucrativos. Para ser justo, porém, mesmo os visigodos germânicos que saquearam Roma deixaram as catedrais sozinhas. No entanto, o que falhou com esse modo de pensar foi que os visigodos eram cristãos - os vikings não. Não havia razão para os monges que viviam em Lindisfarne pensarem que os navios ferozmente decorados eram uma ameaça real até que os vikings realmente desembarcaram.

Suas origens e história conhecida

O que levou as pessoas que antes eram agricultores e comerciantes a se tornarem combatentes tão ferozes e prolíficos é desconhecido. Como os vikings não mantinham registros escritos, o que se sabe sobre eles é em grande parte pelas lentes das pessoas que invadiram. Nos primeiros dias, os vikings atacaram as pessoas que viviam em cidades costeiras e mosteiros. Como os dragões representados em seus navios, os vikings chegaram,

atacaram e saíram em um espaço de tempo que era inédito até então. Não havia outros tipos de invasores como eles na Europa. Batalhas e guerras em toda a Europa incluíam tempo para que a cidade-alvo estabelecesse defesas e combatesse os ataques, mas os vikings eram muito eficientes e táticos em seus alvos. Eles operavam mais como um grupo incrivelmente bem organizado de bandidos, mas eram definitivamente um tipo de força militar. O método de ataque deles era mais um relâmpago do que uma tempestade longa e prolongada. Com muitas das guerras na Europa continental não equivalendo a muito mais do que o que os exércitos poderiam levar dos lugares que invadiram, os resultados finais entre os ataques vikings e as guerras perpétuas realmente não foram tão diferentes. A diferença era que os vikings não estavam tentando dominar os lugares que invadiram.

Sem um relato escrito do que os levou a atacar o mosteiro de Lindisfarne, os historiadores são deixados a especular sobre os motivos que os levaram a atacar áreas costeiras. Entre as teorias mais prováveis estão a falta de alimentos e recursos ou talvez até a falta de terras agrícolas suficientes, levando algumas pessoas a procurar uma maneira de complementar seus ativos. Também é possível que haja muitos homens, e a melhor maneira de ocupar filhos mais novos era enviá-los para adquirir itens valiosos que beneficiariam toda a comunidade. Eles certamente teriam enfrentado opressão e perseguição por serem pagãos em vez de cristãos. Isso não apenas explicaria por que eles atacaram tantos mosteiros e igrejas, mas também faria com que os cristãos questionassem por que seu deus os estava constantemente falhando contra um inimigo tão inferior. Dado o quão longe de casa os vikings viajavam, também é incrivelmente provável que eles fossem curiosos e aventureiros muito antes de estar em voga no resto da Europa.

Ainda mais estranho, os vikings nem sempre estavam atacando e saqueando. Muitos deles continuaram a trabalhar em seus campos ou a comercializar a maior parte do ano. Durante os tempos de colheita, a Europa costeira descansava mais fácil porque a maioria dos vikings estava preocupada demais com atividades agrícolas para atacar. Com o tempo, alguns vikings começaram a escolher invadir a maior parte de seu tempo, tornando-se algo como soldados em tempo integral ou mercenários (exceto

pelo fato de serem pagos com o que podiam receber, em vez de através de financiamento militar).

Nem tinham medo do frio que a maioria dos europeus parecia evitar. Instalando-se em lugares como a Islândia e tentando estabelecer-se na Groenlândia, os vikings escolheram morar em lugares que outros provavelmente não iriam. Eles também eram comerciantes incríveis que sabiam trocar por melhores pechinchas com seus produtos. Como eles viviam em áreas exóticas, eles tinham uma abundância de itens que eram escassos em outros lugares. Eles também comercializavam escravos, o que ainda era incrivelmente comum na Europa na época.

Mudando a história do continente

Embora eles fossem definitivamente uma força a ser reconhecida, os vikings finalmente se estabeleceram, espalhando-se pelo norte da Europa, incluindo Inglaterra, Escócia, Irlanda, Rússia e Islândia. Seu principal objetivo (pelo menos nos primeiros dias) geralmente não era controlar os lugares que eles atacavam. No entanto, isso mudou com o tempo, com a Inglaterra moderna sendo o exemplo mais óbvio dos vikings se estabelecendo em um lugar que já estava ocupado.

Carlos Magno e alguns governantes que o seguiriam nos próximos séculos tentaram forçar a conversão cristã a todos os pagãos, mas isso realmente não funcionou com os vikings. Os dinamarqueses mantiveram firmemente sua intrincada religião que hoje é conhecida como mitologia nórdica. Embora a mitologia nórdica seja um pouco deprimente, suas crenças eram tão estragadas, divertidas e complexas quanto as mitologias grega e romana. Depois de ver a desigualdade que os cristãos perpetuaram em seus negócios e contratos, apesar de sua religião, os vikings provavelmente sentiram que seus ataques eram justificados. Eles não iam ouvir pessoas que acreditavam em uma religião que ensinava paz e tolerância, mas praticavam exatamente o oposto. Aqueles que continuaram a negociar com cristãos frequentemente se adornavam com acessórios cristãos (como um colar de cruz ou roupas) durante os negócios, para que fossem tratados como cristãos. Ao chegar em casa, os vikings removiam os acessórios cristãos e vestiam os símbolos mitológicos nórdicos. Durante muito tempo, os vikings sabiam o suficiente

sobre o cristianismo para praticá-lo ao lado de sua própria religião, para que não fossem perseguidos.

Com o tempo, os vikings começaram a se estabelecer em alguns dos lugares que frequentemente invadiam. Migrando para a Rússia, eles foram os primeiros a colonizar as terras frias. No entanto, é na Inglaterra que a presença deles foi a mais influente. Os vikings eram um problema perpétuo para Alfredo, o Grande, mas também sabiam o valor da paz. Houve um período de paz entre os dinamarqueses que ocupavam a ilha e o povo nativo, e eles passaram a ver que Alfredo realmente praticava muitas das coisas que a religião cristã ensinava. Alfred trabalhou para a melhoria de seu povo, ao contrário de muitos líderes cristãos que estavam concentrados em seu próprio poder e riqueza. Eventualmente, os vikings fizeram as pazes com Alfred, embora o rei tivesse que fazer as pazes com diferentes grupos de vikings, uma vez que não eram uma sociedade única. Alfred também viu que os vikings eram muito mais do que apenas invadir festas. Os dinamarqueses haviam estabelecido centros comerciais em toda a ilha e eram comerciantes especializados, atraindo negócios de muitas outras potências. Com o tempo, a força e a sabedoria militar de Alfredo como governante convenceram os dinamarqueses a parar de lutar. Eventualmente, eles se tornaram parte da sociedade inglesa. Essa proximidade e o relacionamento positivo ajudaram muitos vikings a se converterem voluntariamente ao cristianismo ao longo dos séculos.

Houve uma mudança semelhante em todo o continente. Os centros comerciais que os vikings estabeleceram ao longo da costa eventualmente os levaram a conhecer os cristãos ao seu redor e a se converterem pacificamente. Embora tenha sido um processo gradual, foi uma escolha que os vikings fizeram a si mesmos. Eles não podiam ser forçados a se converter, mas podiam ser convencidos pelas mesmas demonstrações de lealdade e tolerância que faziam parte dos primeiros dias do cristianismo. Isso é uma sorte, porque a fusão dos vikings com seus vizinhos significou que suas histórias e mitologia foram finalmente registradas. Hoje sabemos muito mais sobre esse povo lendário por causa das relações que eles desenvolveram com outros europeus.

Um passeio pelo oceano

Semelhante a Cristóvão Colombo, o desembarque dos vikings na América do Norte não foi intencional. A primeira vez que os vikings tomaram conhecimento da existência de uma nova terra foi quando Bjarni Herjólfsson estava tentando chegar à Groenlândia. Seu navio foi desviado para longe e, quando ele e seus homens viram a terra a oeste, tomaram nota antes de se virar e finalmente chegar à Groenlândia. Ao chegar ao destino, ele falou sobre o que tinha visto ao filho de Erik, o Vermelho. Esse homem era Leif Erikson. Erikson estava curioso para aprender mais sobre essa terra desconhecida e, em 1000 dC, levou uma tripulação de homens para viajar cerca de 1.800 milhas para explorá-la, percorrendo o mesmo caminho que Bjarni havia tomado.

Quando chegaram, Erikson e seus homens chamaram o lugar de Vinland, depois de sua casa na Groenlândia. Os nativos eram muito mais hostis do que talvez tivessem antecipado, e o acordo fracassou. Considerando a distância da casa deles, é provável que Erikson tenha decidido que não valia a pena tentar manter o assentamento, pois era muito caro e impraticável tentar se estabelecer em uma terra tão selvagem e distante. Sua curiosidade talvez saciada, os homens voltaram para casa com o conhecimento de um lugar que o resto da Europa não descobriu por mais 500 anos.

Os vikings tinham uma reputação de serem incrivelmente cruéis, mas não eram tão cruéis com os povos nativos quanto os europeus quando perceberam que podiam explorar as Américas. Os vikings eram espertos e conheciam suas limitações. Eles não procuraram governar novas terras ou forçar suas idéias sobre os outros. Eles estavam sobrevivendo por quaisquer meios necessários ou exigidos. Quando suas necessidades foram atendidas, eles vagaram e aprenderam sobre o mundo ao seu redor. Eles não exibiram suas idéias, aprendizados ou descobertas, optando por simplesmente manter as informações em sigilo. Eles eram um povo muito mais complexo e variado do que a ficção e as fontes modernas tendem a retratá-los.

Capítulo 13

A Segunda Metade da Idade Média

A segunda metade da Idade Média viu muitas mudanças em todo o continente, algumas delas incrivelmente positivas. No entanto, são os horrores e tragédias que as pessoas tendem a se lembrar. Estes foram os eventos que foram contados em contos e são frequentemente repetidos na ficção hoje.

O Grande Cisma - Cristianismo Dividido Oficialmente

O cristianismo havia se espalhado por todo o Império Romano quando Roma foi saqueada pelos visigodos. Quanto mais popular a religião se tornava, mais diversas eram as crenças sobre Jesus e o que ele pregava. Houve várias tentativas de criar uma forma mais unificada de cristianismo, mas, apesar dessas tentativas, seitas diferentes ainda se desenvolveram por toda a Europa. Embora a maioria dessas seitas tenha sido amplamente eliminada, as diferenças entre o cristianismo oriental e ocidental continuaram a crescer. Eventualmente, as crenças eram tão diversas que os poderes em Roma e Constantinopla não podiam mais ignorar essas diferenças.

A divisão entre as duas versões do cristianismo era inevitável. Constantinopla continuou com muitos dos mesmos poderes e idéias que haviam sido a marca registrada de Roma. Como faziam parte do Império Romano, as pessoas no Império Bizantino se consideravam uma continuação desse império. Somente na era moderna eles começaram a ser chamados de Império Bizantino. Em comparação, a Europa Ocidental ficou dividida, com os governantes agindo como abutres atacando o cadáver de Roma. Como eles não apenas conseguiram permanecer intactos e prosperando, mas também expandiram o império para novos territórios, os líderes espirituais do Império Bizantino acreditavam que seu caminho era o

caminho certo. No entanto, eles eram muito tolerantes com as pessoas em seu império que praticavam o cristianismo ocidental e acreditavam em seus preceitos.

Para o povo da Europa Ocidental, uma forma comum de cristianismo era tudo o que eles tinham para mantê-los unidos. Enquanto havia outras seitas, como os cristãos arianos, a maioria era nicéia. Eles tinham apenas um líder, o papa, e acreditavam que ele era o sucessor espiritual direto de São Paulo. Eles eram menos tolerantes com a forma oriental do cristianismo, assim como eram intolerantes com os arianos e outras seitas. Eles conseguiram viver em paz por alguns séculos.

Tudo isso mudou em meados do século 11.

Em 1053 dC, o papa Leão IX enfureceu o patriarca Michael I Cerularius (o chefe da Igreja Oriental) quando tentou reivindicar liderança sobre todo o mundo cristão, incluindo os cristãos do Império Bizantino. Para provar que ele estava no controle, Leão IX deu às igrejas orientais do sul da Itália a opção de se conformar ao cristianismo ocidental ou de serem fechadas. Não havia absolutamente nenhuma chance de o patriarca Michael concordar com isso (e certamente nenhuma razão, pois ele era muito mais poderoso). Michael ficou furioso com as ações do papa e, em retaliação pela tomada de poder do papa, Michael mandou fechar todas as igrejas que pregavam o cristianismo ocidental em Constantinopla.

Leo pensou que poderia forçar Michael a se curvar à vontade da Igreja Ocidental e enviou representantes a Constantinopla para tentar exercer sua autoridade. O fato de ele ter que enviar emissários para tentar cumprir seu ditado deveria ter dito a ele quem tinha mais poder, mas Leo estava cego por sua própria crença em sua religião para ver o mundo do jeito que realmente era. Seus representantes chegaram a Constantinopla em 1054. Seu representante principal, o cardeal Humbert, marchou para a Hagia Sophia, uma estrutura mais opulenta e impressionante do que qualquer coisa que pudesse ser encontrada em Roma, e colocou uma bula papal no altar durante um dos cultos do patriarca. O touro afirmou que o patriarca e todos os seus seguidores haviam sido excomungados pelo papa. É possível que o touro não tenha sido emitido pelo papa, pois ele morreu pouco depois de seus representantes terem deixado Roma. O cardeal Humbert era um

membro incrivelmente agressivo da Igreja Ocidental e odiava o povo do Império Bizantino. Eles viveram vidas muito mais fáceis e opulentas, e é provável que ele estivesse incrivelmente ciumento. Estar na capital deles proporcionou a ele a chance de realmente insultá-los, e a bula papal pode ter sido sua tentativa de fazer exatamente isso. Mais uma vez, Michael retaliou com a mesma medida, excomungando todos aqueles que praticavam o cristianismo ocidental.

O fosso crescente entre os dois lados da mesma religião tornou-se um abismo que nunca foi consertado. Referidos como o Grande Cisma, os eventos iniciados pelo Papa Leão IX dividiram irrevogavelmente o Cristianismo em duas religiões diferentes, a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Grega. Apesar de várias tentativas, durante o próximo século e meio após esses eventos, de trazer as duas religiões cristãs de volta para uma única, a animosidade entre as duas tornou impossível que os homens poderosos de cada religião perdoassem o outro lado. Durante o resto da Idade Média, suas diferenças garantiram que não se reconcilhassem, apesar de esse ser um dos princípios fundadores pregados por Jesus.

Cruzada por Cristo - quase 200 anos de luta

Talvez não exista melhor ilustração de quanta animosidade foi construída ao longo dos séculos entre as duas religiões cristãs do que as Cruzadas. Menos de 50 anos após os eventos que iniciaram o Grande Cisma, começou a primeira Cruzada. As duas religiões podem não gostar uma da outra, mas ambas odiavam mais os muçulmanos. Remover os muçulmanos da Terra Santa era algo que as igrejas católica romana e ortodoxa grega poderiam concordar em fazer juntos. Para os católicos, era uma chance de se arrepender por seus pecados e obter reconhecimento, e para o papa católico, era uma maneira de consolidar seu poder na Europa Ocidental. Para o Império Bizantino, era uma maneira de recuperar as terras que lhes foram tiradas durante a expansão muçulmana no Oriente Próximo e no norte da África. Suas motivações podem não ter sido altruístas (e certamente eram bastante egoístas para o papa e o patriarca), mas foi uma das poucas vezes em que as duas religiões concordaram em trabalhar juntas. Tiveram alguns

sucessos marginais e temporários, e foi a única Cruzada que se pode dizer ter sucesso em qualquer nível.

Os historiadores discordam de quantas cruzadas houve porque se tornaram uma ocorrência muito regular. Entre 1095 (a primeira cruzada), quase 200 anos se passariam antes da cruzada final. À medida que as razões das cruzadas se tornaram menos claras e os cruzados menos organizados, houve mais oportunidades de corrupção.

O melhor exemplo dessa corrupção foi a Cruzada, realizada entre 1202 e 1204. Os cruzados deveriam ir e tentar recuperar a Terra Santa, mas foram rapidamente reaproveitados pelos venezianos. Os cruzados chegaram a Veneza e arredores, na esperança de seguir para o Egito, mas o preço exigido pelos venezianos para levá-los através do Mediterrâneo era muito alto. Vendo uma chance de lucrar com a Cruzada, os venezianos concordaram em levá-los para onde queriam ir, se os cruzados recuperassem Zara, no Egito, o que não fazia parte do que o papa havia dito aos cruzados para fazer. O papa ficou furioso com as ações dos venezianos e dos cruzados, e ele excomungou todos eles (embora mais tarde ele revogasse a excomunhão dos não-venezianos).

É incerto o que aconteceu para precipitar a próxima cadeia de eventos, mas os venezianos acabaram indo para Constantinopla. A princípio, os cruzados admiravam a cidade que era muito mais impressionante do que qualquer coisa que haviam visto na Europa Ocidental. Foi tão impressionante que eles acabaram saqueando a capital bizantina, em grande parte por ganância e um desejo vingativo de prejudicar a Igreja Cristã adversária. Em vez de atacar os muçulmanos, eles agora estavam literalmente atacando outros cristãos. O que foi perdido durante esse ataque católico à Igreja Ortodoxa Grega ainda é lamentado hoje porque eles pegaram coisas que haviam sido salvas da queda de Roma. Registros e histórias foram perdidos por causa da avareza dos cruzados e venezianos. O Império Bizantino já estava em declínio, mas eles nunca se recuperaram realmente desse ataque.

Ironicamente, os cristãos haviam enfraquecido uma parte de suas próprias terras, tornando muito mais fácil para os muçulmanos ultrapassarem e finalmente dissolverem todo um império cristão. Essencialmente, os cristãos ajudaram os muçulmanos em vez de atacá-los, embora ainda fosse

em meados do século XV antes que o Império Bizantino finalmente terminasse.

As Cruzadas haviam perdido completamente seu objetivo original, mas continuaram até o final do século XIII. Depois disso, a Igreja Católica não sancionou mais Cruzadas. Quem foi buscar a glória atacando os muçulmanos e tentando recuperar a Terra Santa, fez isso sem o apoio da Igreja. Mais importante, muitas das nações da Europa se tornaram mais vulneráveis a ataques enviando seus cavaleiros e líderes para lutar em terras distantes. Por exemplo, o Sacro Império Romano tomou o rei Richard, o Coração de Leão, da Inglaterra, quando voltava das Cruzadas. Ele só voltou depois que sua mãe, Eleanor da Aquitânia, pagou um pesado resgate. Os líderes tiveram que aumentar os impostos de seu povo para financiar as guerras, o que era muito mais um problema para o povo do que os muçulmanos que ocupavam a Terra Santa. No início do século 14, os líderes decidiram manter suas guerras mais perto de casa, onde poderiam obter alguns benefícios tangíveis de suas guerras.

As guerras que marcaram a Europa

A guerra entre as nações não estava totalmente ausente durante as Cruzadas, mas elas aconteciam com menos frequência, pois muitos dos melhores combatentes estavam fora participando das Cruzadas. A Inglaterra viu um aumento de conflitos internos durante esse período, incluindo um período chamado Anarquia. Como muitas guerras civis, essa guerra terminou com a sucessão ao trono. O legítimo herdeiro no início da Anarquia era a filha de Henry I, Adelaide. Após a morte de seu irmão, ela voltou ao reino; seu marido, o Sacro Imperador Romano Henrique V, morrera e, sem outro herdeiro aparente, Henrique, eu queria ter certeza de que ela ocuparia o lugar dele. Após sua morte, a nobreza que jurou lealdade a ela quebrou sua promessa e coroou Estevão de Blois, sobrinho de Henrique I, rei. Estêvão alegou que o rei havia mudado de idéia sobre a sucessão no leito de morte, dando a Estêvão o trono. Entre 1135, quando Henry I morreu, e 1153, quando a chefe da Igreja entrou em cena, a Inglaterra entrou em guerra quando Adelaide, mais conhecida como Imperatriz Maude, lutou com Stephen para tomar seu lugar por direito. Ela

nunca teve o direito de primogenitura, mas seu filho, Henry, foi nomeado sucessor de Stephen.

Uma guerra mais devastadora durou mais de 100 anos e incluiu a maioria das nações européias. Conhecida como a Guerra dos 100 Anos, parecia que a energia que havia sido colocada nas Cruzadas agora estava sendo usada para matar seus companheiros cristãos. As questões sucessórias estavam novamente no centro do problema quando Carlos IV da França morreu sem um herdeiro ou um sucessor nomeado. Os historiadores chamariam a luta intermitente entre 1337 e 1453 de Guerra dos Cem Anos por causa de quanto tempo e em constante mudança a guerra foi. Casamentos entre as famílias reais da Inglaterra e da França deram aos monarcas ingleses uma reivindicação ao trono francês. O rei Edward III da Inglaterra reivindicou o trono como sobrinho do falecido rei Carlos IV. Em uma tentativa de garantir que o rei inglês não fosse colocado no trono francês, os franceses recorreram a citar algumas leis antigas que diziam que a sucessão não poderia passar por uma mulher. Desde que Edward III tinha sido relacionado a Charles por meio de sua mãe, as leis diziam que ele foi excluído da sucessão.

Inicialmente, Eduardo III parecia indiferente à sua reivindicação à França porque tinha problemas suficientes para combater os escoceses. Quando o governante escolhido, o rei Filipe VI, decidiu ajudar a agitar o problema, apoiando o rei escocês David II, Eduardo ficou furioso. Isso foi agravado quando o rei Filipe VI tomou a Aquitânia, que fazia parte da Inglaterra na época. Eduardo III era um estrategista inteligente e um inimigo impiedoso. Ele não apenas decidiu recuperar suas terras, mas também decidiu apresentar sua reivindicação como o herdeiro legítimo do trono francês. Ele não confiou apenas no poder militar. Muitos dos nobres da França não se importavam com o rei Filipe, e Eduardo aproveitou isso para semear discórdia na França.

Inglaterra e França lutariam por mais de 120 anos, puxando outras nações para a briga de tempos em tempos. Depois de 80 anos (muito tempo depois que Edward e seus filhos morreram), parecia que a Inglaterra venceria. Nesse período, surgiu uma das figuras mais conhecidas da época: Joana d'Arc. Ela disse ao rei francês Charles VII que tinha visões que poderiam ajudá-lo a vencer a guerra. Charles decidiu ouvi-la e, ao fazê-lo, os

franceses finalmente conseguiram mudar a maré da guerra. Embora as realizações de Joana tenham sido poucas (mas ainda bastante impressionantes, considerando o fato de ela não ter sido treinada e ter lutado na frente das batalhas em que participou), as vitórias eram o que os franceses precisavam sentir como se ainda tivessem uma chance de ganhando. Quando os ingleses a queimaram na fogueira em 1431, os franceses tinham um motivo ainda mais pessoal para lutar. Levou quase outros 20 anos para que a guerra terminasse, e nunca terminou com a mesma intensidade dos anos anteriores. Em 1455, a Inglaterra havia se envolvido na Guerra das Rosas, e a Guerra dos 100 Anos finalmente terminou quando começou outra diferente.

As guerras constantes viram muitas mudanças na guerra. No final da Guerra dos 100 Anos, os cavaleiros, essenciais durante as Cruzadas, estavam agora obsoletos. Armas foram introduzidas, mudando completamente as táticas de guerra. As mudanças no armamento exigiram uma mudança significativa nas estratégias e estruturas militares, uma vez que as formações e táticas usadas pelos romanos não funcionavam mais contra o armamento em evolução. As estruturas militares passaram a contar com pessoal treinado e pronto para lutar (um exército permanente), em vez de depender de camponeses e pessoas que sabiam pouco sobre como lutar.

Os perigos da natureza

Houve vários eventos naturais que remodelaram quase inteiramente a Europa durante a segunda metade da Idade Média. A Grande Fome entre 1315 e 1317 ainda é lembrada em toda a Europa por seus efeitos devastadores e duradouros sobre a população. Parte do problema era que a indústria agrária se baseava em atender apenas às necessidades atuais. Alimentos e agricultura extras não foram considerados no momento em que a população do continente estava explodindo. A vida ficou muito mais simples e as pessoas começaram a mudar do trabalho agrário familiar para o comércio, porque havia mais do que suficiente para trabalhar nos campos. Sem ter que se preocupar com comida suficiente para sobreviver, os negócios artesanais começaram a crescer, e as pessoas começaram a se reunir em grupos maiores que cresciam nas cidades. O suprimento de

comida foi construído com base no que era ideal, em vez de no pior cenário. Em 1315, a primavera estava particularmente úmida, tornando quase impossível plantar a próxima safra com base no cronograma usual. Os agricultores tiveram que esperar até que as chuvas parassem, e aqueles que não esperaram perderam muito do seu trabalho porque as sementes apodreceram no solo úmido demais para brotar e crescer. Com uma estação de plantio mais curta e posterior, o rendimento da colheita era consideravelmente menor que o anterior e era impossível atender à necessidade de alimentos. Durante esse ano, não houve muitas mortes durante o inverno, mas muitas pessoas não tiveram comida adequada. Desnutridos na primavera seguinte, eles não conseguiram manter o cronograma necessário para atender à demanda por alimentos. Com menos pessoas e mão-de-obra para cuidar dos campos, houve outra escassez durante a colheita, e muitas pessoas morreram em 1316. Histórias como Hansel e Gretel resultaram desse período em que as famílias deixaram crianças na floresta porque não podiam alimentar toda a família. . Os membros mais velhos de algumas famílias optaram por morrer de fome, para que os membros mais jovens e mais fortes da família tivessem comida suficiente para poder trabalhar na próxima primavera. A fome foi tão ruim em 1317 que até os monarcas da Europa continental sentiram seus efeitos. Embora a primavera de 1317 finalmente voltasse ao clima de que precisavam, havia muito poucas pessoas para cuidar dos campos. Para piorar seus problemas, as pessoas haviam recorrido a comer sementes para não morrer de fome, o que significava que não havia sementes suficientes para plantar o suficiente para o próximo ano. Doenças como tuberculose e pneumonia ceifaram muitas vidas, pois as pessoas eram fracas demais para combater doenças. Durante esse período, estima-se que 10 a 25% da população urbana pereceu.

No entanto, este não foi o maior desastre natural que atingiu a Europa durante a Idade Média.

Uma das pandemias mais notórias da história da humanidade começou na China distante. Ele se espalhou pela Ásia e pelo Oriente Médio e atingiu o mundo muçulmano no século XIV. A essa altura, a Europa já ouvira falar dessa doença mortal, mas eles acreditavam que seu deus cristão os protegeria. Tanto quanto eles podiam dizer, era uma praga que estava

afetando pagãos, pagãos e qualquer pessoa que não seguisse o deus cristão. Logo veriam que não estavam imunes ao que mais tarde seria apelidado de Peste Negra.

A praga provavelmente chegou à Europa através de vários locais. Sabe-se que os portos italianos foram os primeiros a experimentar a Peste Negra, o que era inevitável desde que pessoas de todo o mundo conhecido os visitaram. Havia inúmeras coisas que contribuíram para sua disseminação. Com o surgimento das cidades, as pessoas viviam em espaços muito menores e muito mais próximos. Muitas das áreas estavam superlotadas e a falta de higiene adequada aumentou a propagação de pragas como ratos e camundongos, o que permitiu que a praga se espalhasse rapidamente quando chegasse a uma cidade ou cidade.

A maioria das pessoas sabe que a Peste Negra se espalhou por picadas de pulgas, mas essa não foi a única maneira de se espalhar. Frequentemente chamada de peste bubônica, na verdade havia três tipos (ou métodos mais precisos) de peste. As picadas de pulgas eram o método de transmissão do cordão bubônico, que atacava os gânglios linfáticos. Com base na velocidade com que a doença se espalhou, é certo que as pessoas também contraíram o fio pneumônico, que se espalhou através da tosse, espirros e respiração das bactérias. Parecia haver algum nível de entendimento obscuro de que o ar era impuro em torno daqueles que contraíram a doença. O papa manteve o ar ao seu redor coberto de fumaça e aromas, pois ele tinha velas e incenso queimando durante todo o susto. A terceira vertente da praga é a praga septicêmica, ou praga de sangue. É improvável que essa fosse uma maneira comum de transmitir a doença, embora alguns provavelmente tenham contraído essa vertente quando seus entes queridos sangraram nos estágios finais. Esse contato com o sangue contaminado se tornaria uma sentença de morte se uma pessoa tivesse uma ferida aberta. As pulgas definitivamente ajudaram a contribuir para a disseminação da doença, mas, uma vez atingida uma cidade, é tão provável que uma pessoa a contraiu através das bactérias no ar e através das pulgas.

A Peste Negra retornou em ondas pela Europa nas próximas décadas, mas nunca foi tão devastadora quanto a primeira vez. Após a primeira onda da praga, as cidades aprenderam a implementar quarentenas, graças à ingenuidade do povo em Veneza. Seu sucesso em conter e depois evitar as

ondas posteriores da Peste Negra foi duplicado em toda a Europa, e esse tipo de contenção ainda é usado hoje.

Após a primeira chegada da praga, os historiadores estimam que entre um quarto e meio da população europeia pereceu devido à praga durante esse período, tornando-o um dos piores desastres da história da Europa. Causou uma cicatriz tão profunda na psique européia que a maioria das pessoas conhece bem o evento, mesmo que não saiba muito sobre ele.

OceanofPDF.com

Capítulo 14

O Renascimento

O Renascimento foi uma época em que as nações européias começaram a retornar às idéias e filosofias que foram amplamente ignoradas durante a Idade Média. Sem Roma para mantê-los unidos, as muitas terras diferentes foram forçadas a encontrar suas próprias identidades. Homens como Carlos Magno e Otto I foram capazes de unificar muitas das áreas que já estiveram no império, mas toda a extensão do Império Romano nunca foi alcançada novamente, pelo menos não de uma perspectiva governamental.

O único fator unificador para a Europa Ocidental durante a Idade Média foi a Igreja Cristã, que se tornou a Igreja Católica Romana após o Grande Cisma. As figuras religiosas continuamente consolidavam o poder sob o disfarce da religião até que tivessem mais poder do que quase qualquer monarca da Europa. A Igreja estava com ciúmes de qualquer tentativa de questionar esse poder e cada vez mais sufocava o pensamento e a ciência, para que não perdessem o controle sobre o continente.

O Renascimento italiano foi o começo de uma era inteiramente nova (chamada de era moderna). Os líderes do Renascimento normalmente não desafiavam diretamente a Igreja Católica Romana, mas eram da opinião de que a Igreja não deveria ter nenhuma opinião sobre a descoberta da verdade no mundo. Homens como Galileu e Copérnico realmente trabalharam em nome da Igreja, com Copérnico dedicando sua obra-prima, Nas revoluções das esferas celestes, à Igreja. A Igreja os recompensou chamando a obra do falecido Copérnico de herética e aprisionando Galileu. Quanto mais controle a Igreja tentava exercer sobre o povo, mais fraco ele se tornava.

À medida que o Renascimento se espalhava pelas diferentes nações da Europa, as coisas começaram a mudar. Entre o final do século XIV e 1620, a Europa emergiu da Idade Média com uma nova compreensão de seu mundo.

Habilitando o Renascimento

Havia duas coisas que haviam retido o povo da Europa por grande parte da Idade Média. A primeira foi a dificuldade com que os alimentos foram produzidos. Mesmo Roma não havia realmente dominado um método de fornecer sustento para todo o império. Ao longo da Idade Média, as ferramentas e os animais usados para cultivar mudaram significativamente. Foram feitos chicotes que permitiam uma lavoura mais fácil dos campos, e novos sistemas foram implementados para o plantio e colheita de culturas que facilitavam o cultivo de mais alimentos para alimentar mais pessoas. Isso permitiu que as pessoas tivessem mais tempo livre e encontrassem outras maneiras de simplificar suas vidas.

A segunda coisa que reteve o povo da Idade Média foi a educação. Definitivamente, havia pessoas fora da nobreza e do clero que sabiam ler e escrever, mas ler e escrever não eram comuns, mesmo entre alguns membros da nobreza. Alguns clérigos ensinariam as pessoas de sua comunidade a ler e escrever, principalmente nos primeiros dias após a queda de Roma. Homens, como o rei Alfred, também trabalhavam para educar as pessoas porque acreditavam que era a melhor maneira de manter as pessoas no caminho certo para a salvação. Apesar dessas boas intenções, era difícil ensinar as pessoas devido ao tempo que levou para criar um único livro. Os livros tinham que ser escritos à mão, o que geralmente levava dias ou, em alguns casos, até semanas, apenas para criar um único livro.

Tudo isso mudou com Johannes Gutenberg e sua imprensa em meados do século XV. Pela primeira vez na história, foi possível produzir livros em massa. Não só era muito mais fácil imprimir um livro, mas também era consideravelmente mais barato de fazer, devido aos materiais que ele usava.

Sem essas inovações, o Renascimento teria sido significativamente diferente.

Tentativa de se definir

O termo "Idade das Trevas" foi realmente cunhado como uma maneira de definir o período anterior como menos esclarecido em termos de literatura e pensamento. Era uma maneira de declarar que os homens do Renascimento

estavam retornando à era de ouro do pensamento que eles pensavam ter ocorrido durante o Império Romano.

A arquitetura começou a refletir os desenhos do período clássico, em vez do impressionante estilo arquitetônico desenvolvido durante a Idade Média. Contrafortes e pináculos foram abandonados por colunas e mármore. Deu aos novos edifícios uma aparência mais clássica, limpa e estéril que não exigia ornamentação. Eles continuaram usando os vitrais, provando que mesmo os homens do Renascimento reconheciam a beleza de algumas das arquiteturas da Idade Média.

Em vez de focar na religião, os homens voltaram sua atenção para a matemática e as ciências, que foram negligenciadas durante a Idade Média. As pessoas que fugiram de Constantinopla após a queda do Império Bizantino foram definitivamente fundamentais para ajudar o povo da Itália a entender e promover as idéias do período romano. Juntamente com as inovações nessas áreas pelos muçulmanos, os homens do Renascimento italiano tinham uma enorme plataforma para desenvolver e evoluir esses campos. À medida que a matemática e as ciências começaram a ser exploradas com seriedade, as pessoas ficaram energizadas e mais inquisitivas. Esse espírito de emoção logo viajou pelo continente europeu.

Além da Itália

O Renascimento começou na Itália, mas quase todas as grandes nações desfrutaram de sua própria versão de um renascimento, e nenhuma nação seguiu o mesmo processo ou idéias que outra. Havia um interesse crescente pelas incríveis obras de arte e idéias que saíam da Itália, mas o que o Renascimento significava para a França e a Inglaterra era muito diferente do que era na Itália. Grande parte do foco na França estava na estética, particularmente em arte e arquitetura. Edifícios impressionantes, como o Palácio de Versalhes, foram construídos durante o Renascimento francês, incluindo os luxuosos e impressionantes jardins. Houve repensar a humanidade e a ética, com escritores como Moliere e Balzac sendo os que mais pensavam no futuro.

O Renascimento inglês alcançou seu ponto mais alto sob a rainha Elizabeth I. Ela era filha do rei Henrique VIII e sua segunda esposa, Ana Bolena, e sob sua orientação, o Renascimento tinha um foco um pouco diferente. Muitas das obras de William Shakespeare foram escritas para entreter seu público, mas suas histórias se concentraram em mostrar os ancestrais de Elizabeth sob uma luz positiva (mesmo quando isso não deveria ter sido o caso). Houve uma boa dose de propaganda misturada com o Renascimento, mas isso é compreensível, considerando que era o único país protestante na Europa. Havia partes do Sacro Império Romano que eram protestantes, mas cada província tinha sua própria religião (havia muitas áreas do Sacro Império Romano que eram católicas).

Espanha e Portugal viram tipos semelhantes de renascimento que ocorreram na Europa continental, mas estavam mais interessados em perseguir seus interesses através do oceano nas Américas. Colombo chegou às Américas 500 anos depois de Leif Erikson, mas cerca de 30 anos antes do início do Renascimento. Como a maior parte da Europa passou um tempo refletindo e estudando o mundo imediatamente à sua volta, Espanha e Portugal estavam explorando e explorando as terras do outro lado do oceano. Isso os deixou com menos tempo para o tipo de busca e auto-avaliação da alma que ocorreu em outros países.

Fluindo para o presente

O Renascimento foi um período surpreendentemente curto de cerca de apenas um século. Certamente é verdade que houve alguns eventos que ampliaram o potencial de mudanças que ocorreram durante o Renascimento. Eventos como a Peste Negra serviram mais como uma ponte entre os dois períodos, porque a Europa já estava passando por mudanças significativas antes do Renascimento. O Renascimento foi apenas a primeira vez que um grande grupo de pessoas começou a progredir nas mesmas idéias e valores, em vez de cada pessoa ou grupo trabalhar em grande parte no vácuo. A Idade Média estava focada na sobrevivência, estabelecendo o que estava por vir depois de Roma e entendendo sua fé. Tudo isso foi bastante bem definido na época do Renascimento. Com essas perguntas respondidas e a maioria de suas necessidades facilmente

atendidas, os homens do Renascimento tiveram o luxo de tempo para voltar às idéias e filosofias do período romano.

Assim como durante a Idade Média, praticamente qualquer razão para uma guerra serviu como uma razão suficientemente boa para lutar. No início do século XVII, a Reforma Protestante provocou guerras em toda a Europa. Apesar do retorno aos combates, as ideologias e os tipos de pensamento predominantes durante a Idade Média desapareceram em grande parte. As sociedades mudaram, com as servas desaparecendo em grande parte. O Renascimento deu lugar ao Período do Iluminismo, que viu avanços significativos na ciência, particularmente na física. As invenções que mudaram o mundo vieram com uma frequência cada vez maior, além de regulamentações para essas invenções, pois ficou claro que algumas não eram totalmente seguras.

O povo da Idade Média procurou o deus cristão para resolver seus problemas. Após o Renascimento, eles se voltaram cada vez mais para a ciência e a pesquisa para resolvê-los. As pessoas começaram a decidir que queriam ter mais controle de suas vidas, em vez de esperar o melhor. Isso geralmente resultava em descobertas que eram tão horríveis quanto surpreendentes, mas todas elas eram possíveis devido às mudanças de pensamento que começaram com o Renascimento.

Conclusão

Há muitas razões pelas quais os anos que se seguiram à queda de Roma realmente não foram um período sombrio e por que o termo Idade das Trevas realmente faz um desserviço a um período cujos eventos ajudaram a moldar as terras e as nações futuras que fizeram da Europa a maneira como é hoje. A interpretação mais precisa do termo é que estudiosos e leitores modernos da história são mantidos no escuro sobre o que aconteceu durante esse período, pois não sabemos muito sobre esse período em comparação ao período romano ou à história mais recente. Grande parte do mundo estava em caos após a queda de Roma, mas isso estava principalmente entre a classe dominante e a nobreza, as pessoas que poderiam escrever registros para as gerações futuras. Com as pessoas que sabiam ler e escrever se preocupando com outros problemas e lutas de poder, o cotidiano das pessoas e até alguns eventos importantes foram completamente perdidos no tempo.

Uma das principais mudanças que começaram durante a Idade Média foi na verdade algo que não era de todo provável sob o domínio romano. Os camponeses e os que nasceram no fundo da estrutura social descobriram que tinham mais opções até o final da Idade Média. No entanto, esse não foi o caso durante o período em que Roma caiu e por volta de 1000 dC. Por exemplo, as universidades não existiam sob o Império Romano; isso foi resultado de uma mudança para a igualdade (principalmente para homens, não mulheres, embora alguns clérigos ensinassem meninas e mulheres). Isso só foi possível depois que Roma caiu por causa do rígido controle que os romanos tinham e do quão zelosamente guardavam a influência e o poder.

A Idade das Trevas foi uma época em que as pessoas começaram a expandir seus pontos de vista e ver mais oportunidades no mundo ao seu redor. Foi um processo incrivelmente lento. Alguns dos líderes que se levantaram durante a Idade das Trevas transmitiram a educação ou se concentraram em melhorar a vida das pessoas em seus domínios. Carlos Magno e Alfredo estavam entre alguns dos governantes mais notáveis que procuravam implementar melhores sistemas para seus impérios. À medida que as pessoas experimentavam mudanças que as uniram a um grupo maior de

peças, começaram a pensar em termos maiores. As ações dos vikings, por exemplo, ensinaram ao povo do continente que havia outras maneiras de lutar. Os vikings também começaram a expor como a religião cristã se tornara algo completamente diferente do que acontecia no outono de Roma.

Conhecemos alguns dos principais eventos dessa época e alguns atores importantes, mas na verdade não sabemos muito mais do que isso. Ler e escrever não eram habilidades comuns, uma vez que as pessoas se concentravam na sobrevivência e em sua religião (as mudanças no pensamento foram iniciadas, mas muito longe do sucesso). Alguns dos maiores nomes que surgiram dessa época ainda são bem conhecidos hoje, principalmente Carlos Magno. Enquanto a Europa trabalhava para se redefinir, a paisagem mudava com frequência à medida que as pessoas migravam e disputavam território. No final da Idade Média, a Europa começou a se transformar nas nações de hoje. Alguns deles eram bastante bem definidos, como a Inglaterra, mas alguns ainda tinham um longo caminho a percorrer, como a Áustria e a Alemanha. Havia uma centelha do que estava por vir em todos eles, no entanto.

Chegamos ao fim por aqui. Na próxima página temos uma surpresa especial para você, confira!

OceanofPDF.com

SURPRESA ESPECIAL PARA VOCÊ!

Gostaria de **participar do sorteio de 1 Kindle Paperwhite ou 1 ano grátis de Kindle Unlimited, podendo ler quantos ebooks, de vários autores da Amazon, quiser?**

É muito fácil! Vamos te ajudar nessa! Escreva uma resenha para gente na página deste ebook na Amazon e pronto! Automaticamente você estará concorrendo. O próximo sorteio será dia 12/12/2019, e os demais toda quinta-feira até o final de 2019. Corra e nos envie sua resenha, não perca essa grande oportunidade!

Confira alguns de nossos ebooks abaixo com valores exclusivos, a partir de R\$ 1,99:





Bibliografia

#203 Life of Charlemagne, 2019, Christian History Institute, christianhistoryinstitute.org

6 Reasons the Dark Ages Weren't So Dark, Sarah Pruitt, August 20, 2018, History, <https://www.history.com>

A Beginner's Guide to the Renaissance: Robert Wilde, April 15, 2018, ThoughtCo, www.thoughtco.com

A Brief History of the Vikings, Philip Parker and Tom Holland, History Extra, 2016, <https://www.historyextra.com>.

A Brief History of Venice, Italy, Tim Lambert, Local Histories, <http://www.localhistories.org>.

A Short History of the Caliphate: 632 AD – Present, History Hit, last updated February 19, 2019, <https://www.historyhit.com>.

Alfred the Great (849 AD – 899 AD), BBC: History, <http://www.bbc.co.uk/history>.

Alfred: King of Wessex, Dorothy Whitelock, Encyclopedia Britannica, last edited January 1, 2019, www.britannica.com.

Arianism, Encyclopedia Britannica, last edited October 9, 2015, www.britannica.com.

Battle of Tours, Tony Bunting, Encyclopedia Britannica, last edited March 28, 2017, www.britannica.com.

Byzantine Conference: Famous Emperors Famous Emperors, March 13, 2019, <http://www.byzconf.org>

Byzantine Empire: Historical Empire, Eurasia: John L. Terall, February 8 2019, Encyclopedia Britannica, www.britannica.com

Byzantine Empire: Mark Cartwright, September 19 2018, Ancient History Encyclopedia, www.ancient.eu/Byzantine_Empire/

Caliphate, Asma Afsaruddin, Encyclopedia Britannica, last edited January 18, 2019, www.britannica.com

Charlemagne, 2014, BBC, <http://www.bbc.co.uk>

Charlemagne's Reforms, Lumen Learning, <https://courses.lumenlearning.com>.

Christianity in the Roman Empire, Khan Academy, <https://www.khanacademy.org>.

Christmas, Hans J. Hillerbrand, Encyclopedia Britannica, last edited February 8, 2019, www.britannica.com.

Fall of Rome: How, When, Why Did It Happen, N.S. Gill, ThoughtCo, January 14, 2019, www.thoughtco.com/

Fall of Rome: How, When, Why Did It Happen, N.S. Gill, ThoughtCo, February 19, 2018, www.thoughtco.com/.

Fall of the western Roman Empire: Donald L. Wasson, April 12, 2018, Ancient History Encyclopedia Limited, www.ancient.eu

History: The Fall of Rome: Dr Peter Hether, February 17, 2011, BBC, www.bbc.co.uk

Holy Roman Emperor Otto I: Melissa Snell, February 16 2019, Thought Co, www.thoughtco.com.

Leo III Attacked in a Procession, Dan Graves, 2019, JupiterImages Co, www.christianity.com

Lombards, Joshua J. Mark, December 6, 2014, Ancient History Encyclopedia, <https://www.ancient.eu>.

Louis I, John Contreni, Encyclopedia Britannica, last edited April 12, 2019, www.britannica.com.

Muslim Invasions of Western Europe: The 732 Battle of Tours, Kennedy Hickman, Limited, www.ancient.eu

Otto 1: Medieval Chronicles, 2014-2019, www.medievalchronicles.com.

Otto I: Encyclopedia of World Biography, 2004, The Gale Group Inc.

Petrarch: Italian Poet, John Humphreys Whitfield, Encyclopedia Britannica, last edited July 16, 2018, www.britannica.com.

Rise & Fall of the Roman, Ottoman & Byzantine Empires: Christopher Muscato, 2003-2019, study.com

Rurik and the Foundation of Rus', ER Services: Western Civilization, <https://courses.lumenlearning.com/suny-hccc-worldhistory/>.

Rurik Dynasty, Encyclopedia Britannica, last edited April 11, 2016, www.britannica.com.

Seal of the Prophets, Answering Islam, <https://www.answering-islam.org/Index/index.html>.

The Arian Controversy and the Council of Nicea, N. S. Gill, last edited May 22, 2019, Thought Co., <https://www.thoughtco.com>.

The Catholic Church, Lumen Learning, <https://courses.lumenlearning.com>.

The Lombards: A Germanic Tribe in Northern Italy, Melissa Snell, last edited March 15, 2018, Thought Co., <https://www.thoughtco.com>.

The Pagan Origins of Easter, Joanna Gillan, April 18, 2019, Ancient Origins, <https://www.ancient-origins.net>.

The Rise of Islamic Empires and States, Khan Academy, <https://www.khanacademy.org>.

The Spread of Islam, Oxford Islamic Studies Online, <http://www.oxfordislamicstudies.com>.

The Treaty of Verdun, Melissa Snell, ThoughtCo, October 21, 2018, www.thoughtco.com/.

Timeline of the Middle Ages, Simon Newman, *The Finer Times*.

[Treaty of Verdun](#), Encyclopedia Britannica, last edited August 20, 2019, www.britannica.com.

[Venice: History](#), Roberto Cessi and John Foot, Encyclopedia Britannica, www.britannica.com.

[Vikings History: An Overview of the Culture and History of the Viking Age](#), Salem Media, History on the Net, last edited June 5, 2019, <https://www.historyonthenet.com>.

[Who's Really the Last Roman Emperor?](#), Ken Lohatenpanot, August 17 2013, History Republic, historyrepublic.wordpress.com

[World History 800-900 AD](#), History Central, <https://www.historycentral.com>.

OceanofPDF.com